



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**



**MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL – ESPECIALIZAÇÃO**  
**NO DOMÍNIO COGNITIVO E MOTOR**

**O Impacto do Escotismo no Comportamento Adaptativo de**  
**Crianças com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental**

**Susana Alexandra Santos Flores**

**Beja**

**2015**

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL – ESPECIALIZAÇÃO**  
**NO DOMÍNIO COGNITIVO E MOTOR**

**O Impacto do Escotismo no Comportamento Adaptativo de**  
**Crianças com Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental**

Tese de Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

**Elaborado por:**

**Susana Alexandra Santos Flores**

**Orientação por:**

**Professor Doutor José António Espírito Santo**

**Beja, 2015**

## **Agradecimentos**

Por vezes, nem as mais belas palavras do mundo conseguem fazer justiça ao que nos vai na alma e no coração.

Um agradecimento muito especial ao professor Doutor José António Espírito Santo pelo genuíno interesse demonstrado pela investigação, apoio, incentivo e disponibilidade.

Um agradecimento especial ao marido e às filhas Mariana, Ana Luisa e Rita, pela ausência e à mãe e avó, pelo apoio incondicional, agora e sempre.

Um agradecimento também muito especial às colegas Dirigentes do Grupo de Escoteiros da Cabeça Gorda e Salvada por ajudarem a realizar o sonho de formar o Grupo e levar a cabo a presente investigação.

Um agradecimento às mães que aceitaram participar no estudo e nos confiam os seus filhos semana após semana.

E o maior agradecimento vai para as Crianças, pois são elas a base de tudo e nelas depositamos a esperança de um mundo melhor.

**A todos, muito obrigado!**

*“As dificuldades são o sal da vida”.*

Robert Baden-Powell

*“A vida tem necessidade de alguém que nos faça fazer aquilo que  
podemos.”*

R. W. Emerson



## **Resumo**

Fizeram parte deste estudo 4 dirigentes do Grupo de Escoteiros 253 de Cabeça Gorda e Salvada, 3 crianças do grupo e as mães das 3 crianças. Para esta investigação foi adoptado o modelo de investigação-ação. Os dados foram recolhidos através da aplicação de entrevistas a todos os participantes do estudo *supra* mencionados. O tratamento dos dados foi feito através de análise de conteúdo.

Após a análise e interpretação dos dados e com base nas necessidades encontradas, foi elaborado um plano de intervenção.

**Palavras-chave:** Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental, Escotismo.

## ***Abstract***

This study included 4 leaders of the Scout Group 253 - Cabeça Gorda and Salvada, 3 children of the group and the mothers of 3 children. For this investigation was adopted action research. Data were collected using interviews to all participants of the above-mentioned study. Data analysis was done through content analysis.

After analyzing and interpreting the data and based on the needs found, an intervention plan, including a training plan.

**Keywords:** Intellectual and Developmental Difficulties, Scouting.

# ÍNDICE GERAL

<b>Agradecimentos</b>	I
<b>Resumo</b>	III
<b>Abstract</b>	IV
<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	4
<b>Capítulo I – Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental (DID)</b>	5
1. Conceito de Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental (DID) – Perspetivas Evolutivas	6
2. Etiologia da Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental	12
3. Características das crianças com DID	14
<b>Capítulo II – Escotismo para todos</b>	22
1. O Escotismo	23
2. Escotismo para todos	25
3. Estratégias de Intervenção - Jogos e Atividades Escotistas para todos	26
<b>II PARTE – ESTUDO EMPÍRICO</b>	29
<b>Capítulo I – Metodologia da Investigação</b>	30
1. Delimitação da Problemática	31
2. Modelo de Investigação	34
3. Amostra	35
4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	35
5. Tratamento de Dados	36
<b>Capítulo II – Apresentação e Análise dos Dados Recolhidos</b>	38
1. Resultados referentes às crianças	39
2. Resultados referentes às mães	43
3. Resultados referentes às dirigentes	50
4. Síntese	69
<b>III PARTE – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO</b>	71
1. Proposta de Intervenção	72
2. Plano de Formação	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	77

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b>	79
<b>APÊNDICES</b>	83

## **ÍNDICE DE APÊNDICES**

APÊNDICE nº 1 - Guiões de entrevistas	84
APÊNDICE nº 2 – Entrevistas às dirigentes	92
APÊNDICE nº 3 – Entrevistas às mães	110
APÊNDICE nº 4 – Entrevistas às crianças	117
APÊNDICE nº 5 - Análise de Conteúdo – Entrevistas às dirigentes	121
APÊNDICE nº 6 - Análise de Conteúdo – Entrevistas às mães	138
APÊNDICE Nº 7 - Análise de Conteúdo – Entrevistas às crianças	143

## **ÍNDICE DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> – Gosto das crianças pelos Escoteiros	40
<b>Quadro 2</b> – Atividades preferidas	40
<b>Quadro 3</b> – Atividades de que não gosta	41
<b>Quadro 4</b> – Relação com as outras crianças do Grupo	41
<b>Quadro 5</b> – Relação com as Chefes	42
<b>Quadro 6</b> – Efeitos do Escotismo	43
<b>Quadro 7</b> – Atividades preferidas pelas crianças com DID	46
<b>Quadro 8</b> – Atividades de que menos gostam	46
<b>Quadro 9</b> – Dificuldades mais sentidas pelas crianças com DID	48
<b>Quadro 10</b> – Relação entre crianças com DID e restantes crianças	49
<b>Quadro 11</b> – Relação entre crianças com DID e dirigentes	50

<b>Quadro 12</b> – Frequência das atividades escotistas do Grupo	52
<b>Quadro 13</b> – Duração das atividades escotistas	52
<b>Quadro 14</b> – Principais atividades desenvolvidas pelo Grupo	53
<b>Quadro 15</b> – Locais de realização das atividades	54
<b>Quadro 16</b> – Materiais utilizados nas atividades escotistas	55
<b>Quadro 17</b> – Envolvimento das crianças com DID nas atividades	57
<b>Quadro 18</b> – Experiência com crianças com NEE	58
<b>Quadro 19</b> – Necessidade de formação	59
<b>Quadro 20</b> – Cadernos de progresso pessoal	60
<b>Quadro 21</b> – Efeitos do Escotismo	62
<b>Quadro 22</b> – Dificuldades sentidas pelas crianças com DID	64
<b>Quadro 23</b> – Relação entre as crianças com DID e restantes crianças do Grupo	66
<b>Quadro 24</b> – Relação com as dirigentes	67

# INTRODUÇÃO

A ideia de que os indivíduos com deficiência mental deviam permanecer isolados e sem lugar na sociedade já foi ultrapassada. Atualmente defende-se que todos os indivíduos têm direito à inclusão na escola, na comunidade, na sociedade, vendo os seus talentos e capacidades valorizados e usufruindo da potenciação do seu desenvolvimento, no seu contexto de vida. Assim, vivemos numa sociedade que aceita e respeita a diferença e dá, ou deve dar, a todos, a possibilidade de integrar os diversos contextos.

Espera-se que a escola proporcione uma educação inclusiva, pois é no contexto escolar que a criança com DID poderá atingir o máximo das suas potencialidades, observando o outro e tendo-o como referência, poderá também tomar contacto com a formação de vários papéis sociais e desenvolver relações de trocas sociais e culturais. Aprenderá a conviver com sua própria deficiência.

“Para que as escolas se tornem mais inclusivas, segundo Ainscow (2000), é necessário que assumam e valorizem os seus conhecimentos e as suas práticas, que considerem a diferença um desafio e uma oportunidade para criação de novas situações de aprendizagem, que sejam capazes de inventariar o que está a impedir a participação de todos, que se disponibilizem para utilizar os recursos disponíveis e para gerar outros, que utilizem uma linguagem acessível a todos e que tenham coragem de correr riscos” (Sanches & Teodoro, 2007).

Esta inclusão não deve terminar na escola. As crianças e os jovens com necessidades educativas especiais têm direito a usufruir de todas as actividades extracurriculares e a participar nos diferentes grupos do movimento associativo, independentemente das suas condições físicas, sensoriais, cognitivas ou emocionais. É importante e necessário que as associações estejam preparadas para os receber e proporcionar as mesmas experiências, ensinamentos e actividades que proporcionam às crianças sem

problemáticas. É importante estruturar e desenvolver estratégias adequadas para que uma criança com DID possa usufruir das actividades prestadas pela entidade. O que acontece, por vezes, é que as entidades não estão preparadas para dar o devido suporte a estas crianças, tornando-se a deficiência uma barreira à entrada para o grupo.

Sendo fundadora e dirigente de um Grupo de Escoteiros, considera-se este tema bastante pertinente pois poderá ajudar a melhorar significativamente a prática dos dirigentes, uma vez que esta investigação levará a reflectir e a procurar estratégias que levem à inclusão das crianças com NEE no Escotismo.

O tema central da nossa investigação prende-se com a inclusão de alunos com Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental (DID) num Grupo de Escoteiros, tendo como principal objetivo estudar o impacto do Escotismo no comportamento adaptativo das crianças referidas.

Fizeram parte deste estudo 3 crianças do Grupo de Escoteiros 253 de Cabeça Gorda e Salvada, as mães das 3 crianças referidas e 4 dirigentes do Grupo.

Para a realização deste estudo foram aplicadas entrevistas a todos os participantes no estudo. Pretendeu-se com esta investigação conhecer a opinião dos participantes no estudo acerca da importância e do impacto do Escotismo na vida destas crianças. Posteriormente trataram-se os dados obtidos para conceber um plano de intervenção, nomeadamente uma formação destinada aos dirigentes do Grupo.

Este estudo encontra-se dividido em três partes: I) Enquadramento teórico; II) Estudo Empírico; 3) Proposta de Intervenção.

Na primeira parte faz-se a revisão bibliográfica, cruzando-se diferentes perspetivas de autores em relação ao tema escolhido. Esta parte é constituída por dois capítulos: Capítulo I - Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental (DID) e Capítulo II- Escotismo para todos.

Na segunda parte é apresentado o estudo empírico composto por dois capítulos. Do Capítulo I fazem parte: 1-Delimitação da Problemática; 2- Modelo de Investigação; 3- Amostra; 4- Técnicas e Instrumentos de Recolha de dados; 5- Tratamento de Dados. Do Capítulo II constam a apresentação e análise dos dados recolhidos.

Relativamente à terceira parte, apresenta-se um plano de intervenção dirigido aos dirigentes. Este plano resulta das necessidades identificadas a partir dos dados recolhidos.

Por fim apresentam-se as conclusões finais.



## **I PARTE**

### **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

**Capítulo I**

**Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento (DID)**

## **1. Conceito de Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento (DID) – Perspetivas evolutivas**

Idiota, anormal, demente, incapacitado, diminuído, deficiente, diferente,... Foram vários os termos utilizados ao longo dos séculos para designar as pessoas com fracas capacidades intelectuais, todos eles com uma conotação pejorativa.

Nas áreas da medicina, psicologia, serviço social e educação foram várias as tentativas para definir a deficiência mental, o que ajudou a compreender e tratar estes indivíduos e contribuiu para o aperfeiçoamento da definição do conceito e para uma mudança paradigmática.

Edgar Dooll, (1941) citado por Kirk e Gallegher (2002, p.123), definiu a Deficiência Intelectual como uma “incompetência social e ocupacional com incapacidade para dirigir negócios a nível adulto. É uma sub normalidade mental, um retardo intelectual desde o nascimento ou da primeira infância, um retardo na maturidade, um resultado de origem constitucional por hereditariedade ou doença e incurabilidade essencial.” Esta definição está completamente desajustada, pois percepciona-se o indivíduo com problemas cognitivos como alguém que já nasceu assim e jamais terá cura. Hoje sabe-se que muitos problemas cognitivos advêm de problemas emocionais e ambientais e que, quando devidamente estimulados, podem melhorar bastante.

A AAMD (American Association of Mental Deficiency), de 1972 a 1992, definiu a deficiência mental como “(...) um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, manifestado durante o período de desenvolvimento e associado a um défice no comportamento adaptativo” (Grossman, 1983, cit. por Pacheco e Valência, 1997).

Em 1992 a AAMR -*American Association of Mental Retardation*-, associa a deficiência mental “(...) a limitações substanciais no funcionamento actual” e caracteriza-a por um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média associado a limitações

relativas a duas ou mais das seguintes áreas do comportamento adaptativo: comunicação, autonomia, actividades domésticas, socialização, autonomia na comunidade, responsabilidade, saúde e segurança, habilidades académicas, lazer e trabalho.” (Morato, 2002).

A limitação a que se faz referência na definição da AAMR, em pelo menos duas áreas diferentes de competências adaptativas, tem por fim a prevenção de erros no diagnóstico de indivíduos com limitações de outras problemáticas que não a DID (Alonso & Bermejo, 2001).

Segundo Vieira e Pereira (2002, p.43) no primeiro Congresso Mundial sobre o futuro da Educação Especial, em 1978, sob o patrocínio do Council for Exceptional Children (CEC), foi aprovada a seguinte definição: “Deficiência Mental refere-se a um funcionamento cognitivo geral inferior à média, independentemente da etiologia, manifestando-se durante o período de desenvolvimento, o qual é uma severidade tal que marcadamente limita a capacidade do indivíduo para aprender e, conseqüentemente, para tomar decisões lógicas, fazer escolhas e julgamentos e limita também a sua capacidade de auto-controle e de relação com o envolvimento.”

Segundo Morato e Santos (2007), a AAMR, mudou o seu nome, em Abril de 2007, para Associação Americana para as Dificuldades Intelectuais e Desenvolvementais - American Association on Intellectual and Developmental Disabilities – AAIDD. Na mesma altura, o conceito de DID - Dificuldade Intelectual e Desenvolvemental- veio substituir o conceito de Deficiência Mental e outros utilizados anteriormente. Estas alterações decorreram do facto desta terminologia ser menos estigmatizante, bem como proporcionar uma expectativa mais positiva quando comparada com o termo deficiência e por, nos últimos 50 anos, se verificar uma ausência de rigor concetual em relação a este conceito, de onde sobressai o domínio Psicométrico em detrimento da importância

que se deveria atribuir ao domínio Adaptativo, assim como pelo facto de se procurar melhorar a compreensão do conceito de deficiência.

Nesta nova concepção, a DID deixa de ser vista como um défice de natureza individual, começando não só a ser interpretada como o resultado da interacção entre indivíduo e o meio envolvente, mas também a ser considerada em termos de apoios essenciais à prática dos diferentes papéis sociais (Alonso e Bermejo, 2001; Belo et al., 2008).

De acordo com Schalock e Bradley (2010), a DID é definida pela AAIDD como uma dificuldade que se caracteriza por limitações significativas ao nível do funcionamento intelectual e do comportamento adaptativo, que se expressam nas capacidades conceptuais, sociais e práticas e que se manifestam antes dos dezoito anos de idade.

Segundo o mesmo autor, a capacidade intelectual pode ser medida através de testes de inteligência considerando limitações significativas quando o QI se encontra dois desvios – padrão abaixo da média ( $QI < 70/75$ ).

No que se refere ao comportamento adaptativo, Schalock (2007) considera que existem três grandes áreas: as capacidades conceptuais (onde se incluem as capacidades numéricas, verbais e espaciais, entre outras), as capacidades sociais (relações interpessoais, resolução de problemas, responsabilização social e capacidade de seguir regras...) e ainda as capacidades práticas (onde se inserem as atividades do dia-a-dia no que diz respeito à higiene, deslocação, saúde, lazer), considerando-se a existência de limitações significativas ao nível do comportamento adaptativo quando a avaliação deste revela, também, resultados de dois desvio-padrão abaixo da média.

É ainda considerado um terceiro critério de diagnóstico que se baseia na idade com que se manifestam as limitações, sendo que só se considera a existência de DID quando as limitações ao nível do QI e do comportamento adaptativo surgem antes dos 18 anos.

Esta nova concepção e definição de DID assentam num conjunto de premissas que deverão ser consideradas ao longo de todo o processo de diagnóstico, classificação e estabelecimento de um perfil de funcionalidade e consequente plano de intervenção (Schalock et al, 2007; Schalock et al, 2010; Morato e Santos, 2007). De acordo com esta definição aplicada ao desenvolvimento humano salientam-se cinco aspetos fundamentais (Morato e Santos, 2007, p. 42): 1) Considera-se a DID não um traço absoluto do indivíduo, mas uma expressão da interação entre o indivíduo, com o funcionamento intelectual limitado e o seu contexto ambiental, não esquecendo a expectativa cultural que a comunidade tem para os seus indivíduos. 2) Uma avaliação válida considera tanto a variedade cultural e linguística, como as diferenças existentes nos fatores fundamentais que possibilitam uma compreensão mais abrangente da Dificuldade - comunicação, aspetos sensoriais, motores e adaptativos-. 3) Cada pessoa é uma pessoa. Para cada uma, as limitações coexistem com as capacidades, ou seja, cada pessoa possui áreas fortes e áreas fracas em que precisa de apoio. 4) Um diagnóstico com base nas competências adaptativas, deverá implicar a elaboração de um plano de desenvolvimento das necessidades de apoio. 5) Um indivíduo com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, terá uma melhor qualidade de vida, se beneficiar durante um determinado período de tempo de apoios individualizados adaptados.

É ainda importante referir que, em termos históricos, se considera a existência de quatro grandes abordagens que estão na base da atual definição de DID (Belo et al., 2008), a saber: abordagem enquanto défice intelectual, abordagem enquanto défice cognitivo, abordagem social e abordagem enquanto défice intelectual e adaptativo.

Na abordagem enquanto défice intelectual, considera-se que a problemática em questão se encontra diretamente relacionada com a inteligência, e o QI é a expressão numérica desse défice.

A abordagem enquanto déficit cognitivo caracteriza-se por dois modelos teóricos: o modelo desenvolvimentalista (que considera a dificuldade intelectual como um simples atraso no desenvolvimento) e o modelo deficitário ou da diferença (em que a dificuldade intelectual é considerada como a expressão de défices qualitativos específicos).

A abordagem social vê a DID como um estatuto ou papel desempenhados por um indivíduo num ou vários sistemas sociais específicos.

Por último, a abordagem da DID enquanto déficit intelectual e adaptativo que considera que, o funcionamento intelectual inferior à média deve ser acompanhado por défices ao nível do comportamento adaptativo.

Para Schalock (2010), a mudança de paradigma reflete-se em três elementos chave: as capacidades, o envolvimento e a funcionalidade, destacando-se a funcionalidade e verificando-se uma mudança de atitude ao nível dos objetivos da intervenção/reabilitação, que passam a centrar-se na participação plena das pessoas com DID.

A Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental deixa de ser vista em termos de défices e passa a ser considerada em termos de apoios necessários à inclusão do indivíduo e o objeto de estudo passa a ser a relação indivíduo/ meio com todas as suas exigências.

Luckasson et al. (2002) propõem uma classificação dos indivíduos com DID, que não pelas características intrínsecas aos mesmos, mas pelo tipo de apoios que necessitam para ultrapassar as suas dificuldades:

1) apoios intermitentes – necessários esporadicamente (natureza episódica e descontínua), na medida em que o sujeito nem sempre necessita do mesmo ou apenas necessita em períodos específicos de transição, podendo ser de alta ou baixa intensidade;

- 2) apoios limitados – caracterizados por uma certa consistência em termos de intensidade (natureza contínua), especialmente nos períodos críticos;
- 3) apoios extensivos – que denotam já um acompanhamento regular (diário) pelo menos nalguns contextos específicos (casa, escola, trabalho...), não se encontrando definido o tempo da sua aplicação;
- 4) apoios permanentes – caracterizados pela sua constância e alta intensidade, de estilo permanente e denotando uma maior intensidade do que os restantes.



## **2.Etiologia da Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental**

A etiologia da problemática DID continua por desvendar, apesar das inúmeras investigações realizadas. É importante conhecer a sua etiologia, pois esta identificação e consequente conhecimento das causas permitirão adequar os meios e técnicas a aplicar, de forma a atenuar as dificuldades do indivíduo.

Segundo Zigler e Hodapp (1986) citados por Vieira e Pereira (2002, p.48) “A Deficiência mental pode ter duas etiologias: - A de ordem familiar e aqui encaixam-se os indivíduos com um baixo nível intelectual devido, não a uma lesão orgânica mas, devido a um património genético de baixo potencial, podendo-se agravar se o meio familiar e social for pouco estimulante. A de ordem orgânica é a causa do baixo nível de inteligência.”

Segundo a A.A.M.R. citado por R. Luckasson et al. em 2002, nove disposições são tidas como principais agentes causadores da DID. São elas: Infecção e intoxicação; Trauma ou agente físico; Metabolismo ou nutrição; Doença cerebral grave; Influência pré-natal desconhecida; Anormalidade cromossómica; Distúrbios de gestação; Atraso decorrente de distúrbio psiquiátrico; Influências ambientais.

As causas da dificuldade intelectual moderada e grave são geralmente atribuídas a diversas lesões neurológicas e metabólicas, no entanto, alguns estudos revelam que a dificuldade intelectual leve pode ser parcialmente causada por condições ambientais mediocres, pelo que muitos psicólogos e educadores creem que a mudança e a melhoria no ambiente social possam evitar a dificuldade intelectual ou, pelo menos, os seus efeitos mais graves. A intervenção precoce poderá igualmente contribuir para a sua prevenção.

Morato (2002) afirma que existe uma pluralidade de factores que poderão estar implicados na manifestação da DID, tais como os factores biológicos, genéticos e

fisiológicos, que para o autor são indissociáveis dos aspectos socioeconómicos e de adaptação social, emocional e vocacional. Morato (2002) e Alonso & Bermejo (2001) referem a investigação realizada por McLaren e Bryson (1987) em torno das causas etiológicas da DID, a qual demonstrou que já não se justifica fazer a distinção entre dificuldade intelectual e desenvolvimental de origem biológica e dificuldade intelectual e desenvolvimental devido a desvantagens psicossociais e também devido ao facto da grande maioria da população com DID (mais de 50%) poder apresentar mais do que uma causa possível.

Também Fonseca (1980) é da mesma opinião, ao dizer que não se podem descurar os factores biológicos e sociológicos, acrescentando ainda que as alterações cromossómicas e genéticas têm apenas uma pequena responsabilidade nas causas etiológicas, quando comparadas com factores biológicos, sociais e desenvolvimentais, antes e depois do nascimento. O autor defende ainda que podem existir cerca de 200 causas, todas elas diferentes, relacionadas com factores exógenos.

### **3.Características das crianças com DID**

De acordo com Garcia (2002), existem diferenças significativas, tanto quantitativas como qualitativas, no pensamento analógico dos indivíduos com DID em comparação com o dos indivíduos normais.

De acordo com a definição da AAIDD, anteriormente referida para DID, podemos inferir que as pessoas com DID têm significativas limitações do funcionamento intelectual e comportamento adaptativo expresso em três domínios fundamentais: o conceptual (onde se incluem, entre outras, as capacidades numéricas, verbais e espaciais...), o social (relações interpessoais, resolução de problemas, responsabilização social e capacidade de seguir regras...) e o prático práticas (onde estão inseridas as atividades do dia a dia no que diz respeito à higiene, deslocação, saúde, lazer).

Partindo da perspectiva de Piaget, a grande maioria destas crianças permanecerá no estágio das operações e muito dificilmente alcançará as operações formais (Prado e Verón, 2000), devido à dificuldade destas crianças em conseguir alcançar o pensamento abstracto.

Percorrem as diferentes etapas do desenvolvimento cognitivo num ritmo mais lento e, mesmo quando conseguem alcançar o limite superior do seu pensamento conservam as características dos níveis anteriores. Apresentam limitações no processo de aprendizagem -aprender a aprender- (Marchesi et al., 1986, cit. por Prado e Verón, 2000; Quiroga, 1989, cit. por Prado e Verón, 2000). Possuem um atraso e precariedade nas aquisições cognitivas (Barbosa, 2007).

Na transição para o primeiro ciclo, as crianças com DID começam a ter um desempenho escolar muito baixo. Segundo Kirk e Gallegher (2002) “(...) estas crianças demonstram um atraso considerável, especialmente em matérias relacionadas com a leitura e com a linguagem.”

Podemos ainda observar dificuldades na capacidade de atenção, concentração e memorização e uma baixa resistência à frustração.

Kirk e Gallegher (2002, p.121) definem uma criança com déficit cognitivo como aquela criança que é “acentuadamente mais lenta do que os seus companheiros da mesma idade para usar a memória com eficácia, associar e classificar informações, raciocinar e fazer julgamentos adequados.”

Vários estudos indicam que estes sujeitos têm dificuldade em prestar atenção, na transferência de dados da memória de curto prazo para a memória de longo prazo e no armazenamento de informação e fazer uso dela. Kirk e Gallegher (2002, p136) defendem que “um dos factores que influencia a memória é a capacidade de prestar atenção, de ficar alerta. A menos que o aluno mantenha a atenção na tarefa que está desenvolvendo, ele terá dificuldade em aprender seja ou não deficiente.”

Paour (1992, cit. por Albuquerque, 2000) sustenta que a DID se traduz por um desenvolvimento cognitivo mais lento e por uma diferença no modo como as estruturas cognitivas são aplicadas, demonstrando assim muito pouca habilidade para a generalização das aprendizagens, o que implica dificuldades na elaboração de conceitos, devido a um sub-funcionamento da memória. Nas tarefas de manutenção de memória, as crianças e jovens com DID obtêm piores resultados no que se refere à forma de execução das tarefas, revelando ausência do uso espontâneo da estratégia de rechamada. Segundo Mantoan (1997), o indivíduo com DID apresenta um sub-funcionamento da memória. A memória consiste numa capacidade intelectual que pode ser aperfeiçoada nas pessoas com deficiência.

Nielsen (1999) refere que os problemas no campo da memória a curto prazo é devido ao processo de aquisição de competências ser bastante lento, sendo necessário repetir constantemente o que foi ensinado, uma vez que a criança pode ter dificuldades em

recordar o que lhes foi transmitido no dia anterior. Estas crianças podem ter dificuldades em aplicar as aprendizagens nas situações da vida do quotidiano, devido à incapacidade de procederem a generalizações. Também Garcia (2002) refere que a lentidão do processo de aquisição de competências deve-se à sua metacognição e auto-regulação cognitiva serem construídas de forma diferente e às dificuldades na criação de estratégias que possibilitem a assimilação dos conceitos e conhecimentos mais complexos.

As pessoas com DID apresentam, geralmente, problemas a nível da linguagem, da motricidade, da afetividade e da socialização.

Uma característica geralmente presente na criança com dificuldades intelectuais é o atraso no desenvolvimento da linguagem. Kirk e Gallegher (2002, p.136) afirmam que “não sabemos quanto do atraso da linguagem lhe é devido, e quanto é consequência das parcas habilidades cognitivas.”

Segundo Morato e Santos (2002), muitas das crianças com DID apresentam problemas no desenvolvimento da linguagem, nomeadamente, défice linguístico, com um vocabulário reduzido, pouco fluente e impreciso; alguma dificuldade ao nível da articulação de palavras e no diálogo; dificuldade em produzir enunciados complexos, assim como incapacidade em seguir instruções muito elaboradas, dado que requerem assuntos detalhados e concretos; dificuldades e/ou desvios na linguagem recetiva, integrativa e expressiva; podendo mesmo existir uma total ausência de linguagem.

Face a estas dificuldades, torna-se difícil a comunicação com estas crianças, sugerindo Garcia (2002), que se entre no seu mundo de objetos e representações. No que concerne à linguagem e comunicação, deve existir um apoio extensível e acompanhar as crianças nos diferentes ciclos escolares, pois estimular a comunicação consiste no “ (...) treino da capacidade para efetuar as diferenciações e as estruturações necessárias para que as

aprendizagens escolares possam revestir-se de significado para a criança e (...), possam fazer parte não apenas do seu meio ambiente mas também do seu próprio meio” (Pacheco e Valência, 1997, p.219).

De acordo com Silva (1991), a nível motor podem apresentar alterações morfológicas, tais como pés rasos e desvios na coluna, lesões neurológicas associadas, alteração do tônus muscular e um atraso no desenvolvimento psico-motor.

Podemos encontrar nestas pessoas características como condutas estereotipadas, de auto-estimulação ou auto-mutiladores, que resultam de limitações cognitivo- perceptivas (dificuldades em organizar a multiplicidade de estímulos), corporais e motoras (Morato e Santos, 2002).

O desempenho adequado da pessoa com deficiência é dificultado pelas alterações perceptivas e do uso do próprio corpo. As limitações expressivas prejudicam ou impedem mesmo a sua comunicação com o meio ambiente que o cerca.

Segundo Fonseca (1995), todos estes obstáculos fazem com que o “estar no mundo” das pessoas com deficiências seja bastante alterado em relação aos padrões habituais da família e da sociedade em geral, causando problemas de ordem relacional e emocional que podem prejudicar ainda mais o desenvolvimento das capacidades existentes. O autor refere ainda que a pessoa com Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental apresenta menos interesse pelas coisas que a rodeiam, não se inclina tanto para o conhecimento das coisas, mas sim para si própria. Essa falta de motivação em relação ao mundo exterior traz consigo uma influência negativa para o desenvolvimento motor, uma vez que é pela motricidade que a criança descobre o mundo dos objetos, o mundo dos outros e o seu próprio mundo.

Na opinião de Fonseca, estes indivíduos apresentam um baixo nível motivacional, atraso no desenvolvimento da linguagem, dificuldades na adaptação social e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem (Morato e Santos, 2002).

Segundo Vieira e Pereira (2003), poderia definir-se a dificuldade intelectual como a dificuldade em aprender. Citando Brown (1989), os autores consideram seis grandes dificuldades das crianças com dificuldade intelectual, sendo as mesmas mais ou menos acentuadas consoante o seu Q.I.:

- **Aprendem um menor número de competências** – devemos ser rigorosos na seleção dos objetivos escolhidos de forma a seleccionar os mais importantes para o aluno e optar por aprendizagens que lhe sejam realmente úteis e significativas ao longo da vida.

- **Precisam de uma maior quantidade de tentativas e de mais tempo para realizar uma aprendizagem** – As aprendizagens programadas vão exigir um tempo significativo para o seu ensino e para a sua consolidação no repertório de comportamentos naturais.

- **Esquecem mais depressa e têm maiores dificuldades no processo de recuperação** – Deve-se apostar num ensino funcional em que o aluno aprenda o que necessita de utilizar no seu dia-a-dia, evitando-se assim o risco de esquecimento, uma vez que a repetição acontece, naturalmente nas situações reais da vida.

- **Têm maiores dificuldades em generalizar e transferir conhecimentos** - Estas crianças têm uma enorme dificuldade em generalizar. Para ultrapassar esta dificuldade o ensino deve ser realizado, para além da escola, nos diferentes contextos de vida do aluno, com a adoção de estratégias de generalização dos conhecimentos. Para ajudar a essa generalização, a escolha de um modelo de ensino ecológico como o defendido por Brown (1989) pode ser a mais indicada uma vez que este especialista considera que todo o trabalho com estas pessoas deve ser feito no contexto das suas atividades diárias:

vida em casa, vida na comunidade, ocupação e recreação. O currículo é organizado utilizando os grandes ambientes de vida em que o indivíduo vai viver, como as suas áreas estruturantes.

- **Têm maiores dificuldades em atividades complexas** – Um menor potencial intelectual tem como consequência uma maior dificuldade para compreender e aprender tarefas complexas. Esta dificuldade leva à necessidade de fazer uma análise cuidada das tarefas ou conhecimentos a propor-lhes, no sentido de conseguir o seu desdobramento em unidades suficientemente pequenas para serem acessíveis às suas capacidades.
- **Têm maiores dificuldades de síntese** – Uma capacidade de síntese fortemente reduzida gera a dificuldade em fundir num conhecimento global diferentes aspetos aprendidos de forma parcelar, no tempo ou no espaço.

Apesar das dificuldades de aprendizagem durante o percurso escolar, muitos indivíduos com DID conseguem desenvolver algumas profissões com considerável sucesso, quando atingem a idade adulta. Grangeat (1999, cit. por Ribeiro, 2003, p. 115), diz que “(...) para aprender é preciso aprender como fazer. Para aprender, não basta fazer e saber, mas é preciso saber como se faz para saber e como saber para fazer”.

Estes indivíduos apresentam dificuldades de resolução de problemas (Albuquerque, 2000), revelando pouca flexibilidade na resolução dos mesmos, pois persistem num caminho errado, não aprendendo com os seus erros; apresentam também ausência de originalidade e dificuldade na autocritica (Barbosa, 2007). As maiores diferenças entre estas crianças encontram-se ao nível da planificação, o que acontece, tanto quando têm de resolver as atividades sozinhas, como quando lhe são dadas as orientações necessárias.



É necessário repensar as estratégias utilizadas, de forma a melhorar o potencial de aprendizagem e transferência destas crianças no que concerne às tarefas diretamente relacionadas com o pensamento dedutivo, com a metacognição e com a procura de estratégias que lhes permita ter capacidade para a resolução de problemas.

De acordo com o grau de deficiência, têm dificuldade em adequar o comportamento a diversas situações do quotidiano (Queiroz e Ramos, 2007) e têm fraca resistência à frustração, baixo nível motivacional e um repertório social pouco adequado (Fonseca, 1989). Evidenciam dificuldade em tomar a iniciativa (Barbosa, 2007), limitações na transferência dos afetos e na socialização, bem como no desenvolvimento sócioemocional (Morato e Santos, 2002). Estas dificuldades centram-se no modo como as crianças se socializam com o contexto onde estão inseridos, o que conduz ou não a um sentimento de auto-eficácia nas situações do quotidiano (Morato e Santos, 2002).

Brown (1989), citado por Santos (2010), indica que as crianças com problemática cognitiva, precisam de mais tempo para resolver uma tarefa, bem como de repeti-la mais vezes, para conseguirem adquirir a competência inerente a essa tarefa e, mesmo assim, alcançam um menor número de competências. Os autores referem ainda que estas crianças apresentam, frequentemente, uma tendência para responder de forma estereotipada às diferentes situações que lhes são colocadas e utilizam um tipo de resposta baseado em processos automáticos, em vez de apresentar comportamentos adaptativos. Estas dificuldades levam a que estas crianças tenham tendência para se isolarem e para serem isolados do seu grupo. Assim, é extremamente importante que, desde tenra idade, se proceda à sua inclusão num grupo de crianças normais.

Segundo Lacerda (2000), devido às características destas crianças/jovens, na elaboração de um programa educativo é importante ter-se presente que:

- As aprendizagens devem ser pensadas sob uma perspectiva positiva e significativa, preferencialmente a partir de interesses/ vivências da criança, nos seus ambientes naturais, de uma forma o mais concreta possível, para que esta se sinta motivada e com predisposição para aprender.
- As tarefas a ensinar devem ser escolhidas para cada criança, segundo as suas necessidades educativas prioritárias, e devem ter uma aplicação prática na sua vida presente e futura, numa perspectiva funcional, baseada em comportamentos adaptativos, visando sempre a sua progressiva autonomia e a sua inclusão e participação ativa e válida na vida em sociedade.
- Tendo em conta as dificuldades destas crianças em efetuar a aquisição de conceitos abstratos, bem como generalizar e transferir os comportamentos e aprendizagens adquiridos para novas situações, é necessário que estas aquisições se processem nos contextos e situações os mais variados e naturais possíveis.
- Tarefas mais complicadas podem ser decompostas em pequenas tarefas e trabalhadas passo a passo, de forma a graduar a dificuldade das aquisições, tornando-as mais acessíveis e positivas, tendo sempre em mente que o sucesso gera sucesso e o insucesso sucessivo gera desmotivação, recusa de novas aprendizagens, fomentando uma baixa autoestima, tornando indivíduo numa pessoa infeliz para quem a escola pode passar a ser penosa e desagradável.

## **Capítulo II**

### **Escotismo para todos**

## **1.O Escotismo**

O escotismo é um movimento educativo para jovens, fundado por Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, como tentativa de combater a delinquência juvenil na Inglaterra, no início do século XX. Atualmente, está presente em mais de 160 países e possui, aproximadamente, 28 milhões de membros em todo o mundo, agrupados em diferentes organizações.

Segundo a Associação dos Escoteiros de Portugal (AEP) “Os Escoteiros de Portugal estão abertos a todos, independentemente da nacionalidade, cultura, condição social ou religião e independentes de partidos políticos e estruturas religiosas e visam preparar os jovens para agirem em resposta às novas questões que determinam o futuro da nossa sociedade: o ambiente e o desenvolvimento sustentável, a cooperação e o diálogo intercultural, a igualdade de oportunidades e a justiça social, a identidade dos jovens e a educação para a paz”.

Os Escoteiros de Portugal promovem a cidadania participativa, os valores humanos, o desenvolvimento integral dos jovens e a contribuição para a construção de um mundo melhor, através de actividades lúdicas e aliciantes para os jovens, usando um método de educação não formal único e eficaz.

Os programas são progressivos, atraentes e estimulantes e baseiam-se nos interesses dos participantes. Incluem jogos, habilidades úteis e serviços à comunidade que ocorrem, na maior parte dos casos, ao ar livre, em contacto com a natureza; uma educação activa através do aprender fazendo, através de jogos e tarefas; pertencer a pequenos grupos (por exemplo, uma patrulha) desenvolvendo as capacidades de liderança, de trabalho em grupo e a responsabilidade individual, incluem o descobrimento e a aceitação progressivos de responsabilidades, a aquisição de habilidades e competências, a

independência e confiança em si mesmo, o sentido das tarefas e a aptidão para cooperar e conduzir.

O Escotismo ensina o respeito pela natureza, promove a tolerância, a igualdade, o companheirismo, a actividade física e a capacidade de superar adversidades.

O escoteiro deve cumprir a Lei escoteira, um código de conduta onde as principais características são a honra, a palavra, dignidade, lealdade, prestabilidade, amizade, cortesia, respeito e protecção da natureza, responsabilidade e disciplina, ânimo, bom senso e respeito pela propriedade, integridade.

Assim, todos os Escoteiros devem saber e compreender cada máxima da **Lei do Escoteiro** que a seguir se apresenta:

1. O Escoteiro é verdadeiro e a sua palavra é sagrada.
2. O Escoteiro é leal.
3. O Escoteiro é prestável.
4. O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.
5. O Escoteiro é cortês.
6. O Escoteiro é respeitador e protector da natureza.
7. O Escoteiro é responsável e disciplinado.
8. O Escoteiro é alegre e sorri perante as dificuldades.
9. O Escoteiro é económico, sóbrio e respeitador dos bens dos outros.
10. O Escoteiro é íntegro nos pensamentos, palavras e acções.

## 2. Escotismo para todos

Embora o conceito e a prática universal da inclusão sejam muito recentes, o próprio fundador do Escotismo, Baden-Powell, já tinha certas preocupações com esse tema, como afirma no seu livro “*Aids to Scoutmastership*”, em 1919.

“No Escotismo há um número de jovens com deficiência física, tais como cegos, surdos, mudos e mancos, gozando agora maior felicidade, saúde e esperança, como jamais puderam tê-las. Muitos deles estão impossibilitados de serem adestrados em todas as etapas escoteiras e etapas alternativas ou especiais são-lhes fornecidas. Com muitos jovens desses não é fácil lidar e é preciso com eles muito mais paciência, atenção e cuidado pessoal, do que com os jovens comuns. Mas o resultado é bem compensador. Segundo testemunho de vários médicos, mães, enfermeiras e professores (que, na maioria dos casos não são Escoteiros) é impressionante, o bem proporcionado pelo Escotismo a esses jovens e, por seus intermédios, às instituições respectivas”. (pp. 78-79)

Baden-Powell afirma ainda que “queremos especialmente ajudar o mais fraco a não sentir as suas fraquezas e a ganhar esperança e força” e “o maravilhoso nesses meninos é a sua animação e ansiedade em fazer no Escotismo o máximo que as suas possibilidades permitem. Eles não querem testes nem tarefas especiais mais do que o absolutamente necessário”.

A WOSM (World Organization of the Scout Movement) publicou em 2008 o manual “Diretrizes do Escotismo para pessoas com deficiência” onde refere que “é importante reconhecer que a inclusão no Escotismo exerce um papel essencial em modificar a atitude da comunidade e o comportamento dos jovens com deficiência, criando assim novas parcerias e envolvendo a cooperação da comunidade na integração e desenvolvimento dessas pessoas. Culturalmente o Escotismo contribui para construir comunidades que reconhecem e valorizam a diversidade, onde há um lugar para todos”.

### **3.Estratégias de Intervenção - Jogos e Actividades Escotistas para todos**

O jogo é uma importante forma do comportamento humano, sendo essencial na estruturação do processo de desenvolvimento e no processo de aquisição de habilidades motoras. Ao longo do processo evolutivo têm lugar diversas formas de jogo, incluindo o jogo de exercício físico, jogo de exploração de objetos e formas de jogo simbólico.

Segundo Silva (2003), “as actividades lúdicas possuem bastante importância para o desenvolvimento dos aspectos cognitivo, físico e emocional dos indivíduos”. É através das actividades lúdicas que as crianças muitas vezes se expressam e transformam a realidade que lhes é apresentada.

O jogo contribui também para o processo de socialização da criança, funcionando como um facilitador nas interacções entre os diferentes indivíduos e o espaço que os rodeia, desde a mais tenra idade.

As adaptações das actividades escotistas são necessárias para que os objectivos sejam alcançados. Dependem do interesse e comportamento do jovem com deficiência, que deve estar sempre motivado a participar. Para tal, tudo deve ser o mais atraente possível, de preferência com o uso de material concreto, como cordas, bolas, apitos, material para reciclagem, entre outros.

Existem alguns aspectos que se consideram importantes tanto para o escoteiro com deficiência como para todos os escoteiros, como por exemplo, respeitar cada escoteiro não permitindo que ele seja inferiorizado ou que se sinta pressionado a fazer algo que o afete física ou emocionalmente; fazer com que joguem de maneira a que o mais importante seja a diversão e não a competição; o importante é brincar, divertir-se e aprender, motivar a participação de todos procurando não deixar ninguém fora do jogo.

Assim sendo, em primeiro lugar cabe ao Chefe de Grupo obter as informações básicas sobre a criança ou jovem, assim como fazer o levantamento das suas necessidades

especiais, em termos de alimentação, medicação, higiene, comunicação, mobilidade, manipulação, assim como dos procedimentos familiares à criança.

Depois de discutidas as necessidades da criança deve ser tomada uma decisão acerca do programa adaptado ao jovem, o qual deve ser flexível e criativo.

A WOSM (2008) faz também as seguintes recomendações:

- Se o seu local de reuniões não for satisfatório, deve ter condições de fazer as modificações necessárias ou conseguir equipamentos auxiliares;
- Se sentir que sua equipa, sozinha, não é capaz, considere o apoio aos jovens por parte dos pais ou responsáveis;
- Se realmente sente que não pode conseguir o que o jovem necessita, pode haver outro grupo na área melhor preparada para atendê-lo;
- Se puder receber o Escoteiro na sua secção, é importante iniciar a planificação das atividades apropriadas à sua idade e capacidade. Você deverá levar em conta os métodos de comunicação apropriados, a atenção necessária e as necessidades físicas e pessoais do jovem.

De acordo com a profundidade da problemática, é possível atingir diferentes graus de autonomia. Segundo Troncoso e Cerro (2004:14-15) existe um conjunto de estratégias de intervenção que, na nossa opinião, poderão ser utilizadas quer na escola quer noutros contextos como num grupo de Escoteiros:

- Possibilitar às crianças e jovens um maior número de experiências variadas para que aprendam;
- Trabalhar inicialmente por períodos curtos, aumentando de forma gradual o tempo;
- Motivar e aumentar a autoestima;
- Utilizar objetos apelativos e variados para despertar o seu interesse pela atividade;



- Ajudar e guiar a criança na realização da atividade, até que a possa fazer sozinha;
- Despertar o seu interesse pelos objetos e pelas pessoas que a rodeiam, aproximando-se dela e mostrando-lhe coisas agradáveis e apelativas;
- Repetir muitas vezes as tarefas já realizadas, para que a criança se recorde como se fazem e para que servem;
- Ajudar a aproveitar todos os factos que acontecem ao seu redor e a aprender a sua utilidade, relacionando os conceitos com o que aprendeu;
- Esperar com paciência e ajudar a criança, estimulando-a, no entanto, a dar uma resposta cada vez mais rápida;
- Conduzir a criança a explorar situações novas e a ter iniciativas;
- Trabalhar sempre no sentido de lhe dar oportunidades de resolver situações de vida diária, sem se antecipar ou responder por ela;
- Conhecer a ordem pela qual se deve ensinar, possibilitando-lhe muitas situações de êxito e sequenciar bem as dificuldades;
- Dizer sempre à criança quando faz uma coisa bem e felicitá-la pelo êxito obtido;
- Planear atividades nas quais intervenha ou actue como agente principal;
- Selecionar as tarefas e distribuí-las no tempo, de forma que não se confunda ou se canse.

## **II PARTE**

### **ESTUDO EMPÍRICO**

## **Capítulo I**

### **Metodologia da Investigação**

## **1. Delimitação da Problemática**

Nos últimos tempos têm acontecido mudanças sociais que levaram a pouco tempo livre, aumento dos hábitos sedentários, aliado ao desenvolvimento das tecnologias e ao espaço restrito, principalmente nas áreas urbanas, o que condiciona a exploração da natureza e as experiências em grupo com amigos. As atividades de exploração do espaço físico são muito importantes no processo de adaptação ao meio físico e social.

O jogo e a atividade física são essenciais durante o desenvolvimento motor, assim como a criação de hábitos saudáveis para uma vida ativa, mas nos dias que correm vemos cada vez mais crianças com problemas de saúde devido à falta desta prática regular e ao condicionamento do contexto ambiental e familiar em que estão inseridas.

Foi devido a estas preocupações em relação às crianças e jovens das Freguesias mais próximas, que sendo meios rurais, não têm oferta a nível de actividades que ajudem na promoção do desenvolvimento integral das nossas crianças e jovens, futuros adultos da nossa sociedade, que se sentiu a necessidade de ser fundadora e dirigente de um Grupo de Escoteiros, nomeadamente, a Chefe de Grupo, tendo como um dos grandes objectivos a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais nesse mesmo grupo.

Após a abertura do grupo, aceitámos a inscrição de 3 crianças com DID que passaram a frequentar todas as atividades desenvolvidas.

Neste sentido, através deste estudo pretende-se, fundamentalmente, conhecer a importância e o impacto do Escotismo no comportamento adaptativo de crianças com DID, tendo em conta a opinião das próprias crianças, dos pais/Encarregados de Educação e das Dirigentes do Grupo.

Pretende-se também observar e analisar outras questões relacionadas com a temática de forma a dar resposta aos seguintes objetivos gerais:

- Conhecer o processo de inclusão das crianças com DID num Grupo de Escoteiros;
- Analisar as Atividades Escotistas tendo como referência o desempenho das crianças com DID;

Pretende-se também com esta investigação dar resposta aos seguintes objetivos específicos:

- Identificar quanto tempo é despendido nas atividades escotistas;
- Identificar as atividades desenvolvidas;
- Identificar os materiais utilizados pelos alunos nas atividades escotistas;
- Identificar os locais onde as crianças realizam as atividades;
- Perceber o grau de envolvimento das crianças/jovens com DID nas atividades escotistas;
- Perceber se os dirigentes têm algum tipo experiência/convivência com crianças com NEE;
- Perceber se os dirigentes sentem necessidade de formação para trabalhar com as crianças com NEE;
- Perceber se os cadernos de progresso utilizados pelas crianças são adequados para as crianças com NEE;
- Identificar os benefícios do escotismo para as crianças/jovens com DID;

- Identificar as dificuldades mais sentidas pelas crianças/jovens com DID no decorrer das atividades;
- Identificar as competências de autonomia pessoal e social promovidas pelo escotismo;
- Perceber se o escotismo pode promover a autoestima;
- Perceber o tipo de relação existente entre as crianças/jovens com DID com as restantes crianças do Grupo;
- Perceber se as atividades escotistas promovem a inclusão de crianças/jovens com DID;
- Perceber o tipo de relação existente entre as crianças/jovens com DID e os dirigentes;
- Perceber se as crianças/jovens com DID gostam de participar do Grupo de Escoteiros;
- Identificar as atividades escotistas preferidas pelas crianças/jovens com DID;
- Identificar as atividades escotistas que as crianças/jovens com DID menos gostam de realizar;
- Conhecer a opinião dos pais das crianças sobre a sua participação nos Escoteiros;

Da análise e tratamento dos dados obtidos com este estudo decorreu um novo objetivo específico, a saber:

- Criar um projeto de intervenção junto dos dirigentes do Grupo e dos pais

## 2. Modelo de Investigação

Tendo em conta a natureza do presente estudo, optou-se por um modelo de investigação qualitativo, uma vez que utiliza metodologias de cariz essencialmente qualitativo, nomeadamente, um guião de entrevista semi-estruturada, entrevista semi-estruturada e análise de conteúdo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), os investigadores qualitativos assumem que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre, deslocando-se, sempre que possível, ao local do estudo. Os autores referem ainda que a investigação qualitativa “... exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.”

Com o presente estudo pretendia-se também que as dirigentes do Grupo de Escoteiros em questão das refletissem sobre as suas atitudes e práticas e apresentassem as suas dúvidas e necessidades com o intuito de melhorar a sua prática durante as atividades com as crianças e jovens. Sendo a investigadora a Chefe de Grupo do grupo em questão, seria possível o contacto permanente com os restantes dirigentes, observar as suas práticas e atitudes e acompanhá-los, no sentido de promover momentos que permitam refletir sobre a temática em estudo.

Como para além da reflexão, se pretende intervir, também a metodologia de investigação-ação se adequa ao nosso estudo, em especial na modalidade de *investigação- para- a-ação*. A *investigação- para- a-ação* é desencadeada por alguém “que tem necessidade de informações/conhecimento de uma situação/problema a fim de agir sobre ela e dar-lhe solução” (Esteves 1986, p. 266, cit. por Amado e Cardoso, 2013, p. 191). Segundo os autores *supra* mencionados, “este processo caracteriza-se pelo facto

de a investigação e o “eventual curso da ação” estarem separados, do investigador ter a primeira e última palavra sobre o processo investigativo (...)”

Assim, pretende-se criar uma proposta de intervenção com vista a proporcionar mudanças de atitudes que proporcionem uma verdadeira inclusão às crianças com DID que fazem parte do Grupo.

### **3. Participantes**

Foram alvo deste estudo 3 crianças do Grupo de Escoteiros 253 de Cabeça Gorda e Salvada, os Encarregados de Educação das 3 crianças referidas e 4 dirigentes do Grupo. A caracterização desta amostra é feita no capítulo seguinte do presente trabalho.

### **4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados**

Para realizar a pesquisa foram realizadas entrevistas semi –estruturadas às crianças, às mães e às dirigentes do Grupo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994:134), em investigações de carácter qualitativo, a entrevista pode constituir a estratégia determinante na recolha de dados ou pode ser utilizada em conjunto com outras técnicas. Afonso (2005), refere que a entrevista é uma técnica de recolha de dados que consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente. Nisbel e Watt (1980), citados por Bell (1997), salientam que as entrevistas fornecem dados importantes, revelando a forma como as pessoas apreendem o que acontece. Numa ou noutra situação, a entrevista tem sempre como função a recolha de “dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam os assuntos sobre os quais estão a ser questionados”.



As entrevistas realizadas foram orientadas segundo um guião previamente elaborado, com base na informação que se pretendia recolher (Cf. Apêndice 1).

Segundo Albarello, Hiernaux, Maroy, Ruquoy e Saint-George (2005:217), a elaboração de um guião “constitui um momento importante da investigação, na medida em que ele orientará a recolha de dados. Importa referir que este guia pode ser afinado no decurso da investigação, em que algumas questões podem tornar-se mais importantes do que outras, em função da pessoa entrevistada”.

## **5. Tratamento de Dados**

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a análise dos dados é o processo de procura e organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campo, assim como de outros materiais acumulados ao longo da investigação, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que se encontrou.

O tratamento de dados neste estudo foi realizado através da análise de conteúdo das entrevistas realizadas às crianças, às mães e às dirigentes do Grupo de Escoteiros.

Santos (1990, p.130) sugere o uso dos seguintes passos para a análise dos dados: “Desenvolver categorias de codificação, codificar todos os dados e separar os dados pertencentes às diversas categorias.”

Salientam-se os seguintes procedimentos: Uma primeira fase de leitura do material obtido, tendo-se seguido o desdobramento do texto em unidades de registo, de modo a poderem ser reagrupadas em categorias e sub-categorias de conteúdo semelhante.

Tomou-se como unidade de contexto – “segmento de mensagem, cujas dimensões são ótimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registo” (Bardin, 1979, p.107) a resposta a cada pergunta.

No processo de categorização foram aplicadas regras indicadas pela literatura especializada, principalmente, a exclusividade mútua e a exaustividade.

## **Capítulo II**

### **Apresentação e Análise dos Dados Recolhidos**

## **1. Resultados referentes às crianças**

A presente análise diz respeito aos dados obtidos através das respostas dadas por 3 crianças do Grupo de Escoteiros 253 de Cabeça Gorda e Salvada às entrevistas realizadas.

### **Dados referentes à caracterização das crianças entrevistadas**

#### **Género**

No que diz respeito ao género dos entrevistados, existem 2 indivíduos do sexo masculino (C1 e C3) e 1 indivíduo do sexo feminino (C2).

#### **Idade**

No que concerne à idade das crianças entrevistadas, C1, C2 e C3, têm respetivamente, 13, 15 e 10 anos.

### **Dados referentes às respostas dadas pelas crianças**

Neste ponto do estudo apresentam-se os resultados da análise de conteúdo das entrevistas realizadas às crianças, através de quadros que contêm as frequências absolutas das unidades de registo e das unidades de enumeração referentes às categorias e às subcategorias que emergiram da referida análise.

Serão também citados excertos das entrevistas para ilustrar as opiniões das crianças sobre a questão em análise.

- **Gosto pelos escoteiros**

Inicialmente sentiu-se necessidade de saber se as crianças gostam ou não de participar no Grupo de Escoteiros.

**Quadro nº 1- Gosto das crianças pelos Escoteiros**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Gosto pelos Escoteiros	Gosta	3	3
	Total	3	

As 3 crianças entrevistadas responderam que gostam de participar nos Escoteiros, tendo a C1 respondido “Gosto muito.”

- **Atividades preferidas**

Questionaram-se as crianças acerca das atividades que preferem realizar nos Escoteiros.

O quadro nº 2 mostra as subcategorias que emergiram da análise de conteúdo.

**Quadro nº 2- Atividades preferidas**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Atividades preferidas	Todas	4	2
	Voluntariado	1	1
	Trabalhos na horta	1	1
	Total	6	

As 3 crianças afirmaram gostar de todas as atividades desenvolvidas nos Escoteiros, tendo a C1 referido “*gosto mais de fazer voluntariado*” e “*trabalhar na horta*”.

- **Atividades de que não gosta**

Também se questionaram as crianças acerca das atividades que não gostam de realizar.

**Quadro nº 3 - Atividades de que não gosta**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Atividades que não gosta	Com balões	2	1
	Total	2	

Neste ponto, apenas a C3 referiu que não gosta de realizar atividades com balões.

- **Relação com as outras crianças**

Questionaram-se as crianças acerca da relação que têm com as outras crianças do Grupo.

**Quadro nº 4 - Relação com as outras crianças do Grupo**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Relação com as outras crianças	Boa relação	6	3
	Total	6	

As 3 crianças afirmaram ter uma boa relação com todas as outras crianças e serem todos amigos. A criança 1 afirmou “*Gosto de todos.*”, “*... dou-me bem com todos.*” e “*Somos todos amigos, ...*”. Também a criança 2 afirmou gostar de todos os meninos, assim como a criança 3, que ainda acrescentou “*São meus amigos*”.

- **Relação com os Chefes**

Por último, as crianças foram questionadas acerca da relação que têm com os Dirigentes do Grupo.

**Quadro nº 5- Relação com os Chefes**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Relação com os Chefes	Boa relação	5	3
	Total	5	

As crianças também afirmaram ter uma boa relação com os Chefes, uma relação de amizade, acima de tudo. A criança 1 afirmou “*As Chefes também são nossas amigas e são fixes.*” ). A criança 2 disse gostar das Chefes e a criança 3 disse “*Sou amigo das Chefes.*”

## **2. Resultados referentes às mães**

O presente estudo centrou-se também nas respostas das mães das 3 crianças em estudo a uma entrevista, através da qual se pretendia conhecer a opinião das mesmas acerca dos efeitos da participação dos seus filhos no Grupo de Escoteiros.

### **Dados referentes à caracterização das mães entrevistadas**

#### **Idade**

No que diz respeito à idade das mães, M1 (mãe da C3), M2 (mãe da C2) e M3 Mãe da C1), estas têm respetivamente, 35, 38 e 41 anos.

#### **Habilitações Literárias**

Em relação às habilitações literárias das mães M1, M2 e M3 estas concluíram, respetivamente, o 9º, 9º e 12º ano de escolaridade.

### **Dados referentes às respostas dadas pelas mães**

Neste ponto do estudo apresentam-se os resultados da análise de conteúdo das entrevistas realizadas às mães das crianças, através de quadros que contêm as frequências absolutas das unidades de registo e das unidades de enumeração referentes às categorias e às subcategorias que emergiram da referida análise.

Serão também citados excertos das entrevistas para ilustrar as opiniões das mães sobre a questão em análise.



- **Efeitos do escotismo**

Inicialmente sentiu-se necessidade de saber a opinião das mães acerca das atividades escotistas e sobre eventuais benefícios que possam ter para as crianças. O quadro nº 6 mostra as subcategorias que emergiram da análise de conteúdo.

**Quadro nº 6- Efeitos do Escotismo**

Categoria	Sub-categoria	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Efeitos do Escotismo	Promoção do contacto com a natureza	1	1
	Prática de desporto	1	1
	Técnicas de orientação	2	1
	Desenvolvimento de capacidades psicológicas	1	1
	Desenvolvimento de capacidades motoras	1	1
	Socialização	6	2
	Promoção da autonomia	7	3
	Atingir objectivos	1	1
	Motivação	2	1
	Desenvolver capacidades	2	1

	Promoção da autoestima	6	3
	Superação de medos	1	1
		31	

Segundo as mães entrevistadas, são bastantes os benefícios que as atividades escotistas podem trazer para as crianças e jovens, como passamos a citar:

“Acho que é muito bom o contacto com a Natureza,...” (M1)

“...fazem algum desporto,...” (M1)

“...aprendem a orientar-se.” (M1)

“... conhecem os caminhos,...” (M1)

“As atividades escotistas são muito benéficas porque permitem desenvolver capacidades psicológicas,...” (M3)

“[desenvolvimento de capacidades] motoras...” (M3)

“Também é muito bom o convívio com as outras crianças,...” (M1)

“... a partilha,...” (M1)

“o relacionamento com os outros...” (M1)

“[desenvolvimento de capacidades] sociais...” (M3)

“...e claro que é muito importante a nível da socialização,...” (M3)

“...conhecem escoteiros que pertencem a Grupo de outras zonas do país,...” (M3)

“Tornam-se mais independentes...” (M1)

“No caso do meu filho tenho notado diferença no vestir-se sozinho.” (M1)

“Ele antes pedia ajuda para se vestir e agora diz que tem que ser ele a vestir o uniforme sozinho para ganhar a assinatura da chefe no caderno de progresso pessoal.” (M1)

“...conseguem fazer as coisas por eles...” (M3)

“...e capazes de atingir objetivos.” (M1)

“Estou a gostar muito que ele ande nos Escoteiros porque o vejo muito interessado e motivado.” (M2)

“Também já falei com os terapeutas do Ensino Especial, a psicóloga, a terapeuta da fala e a pedopsiquiatra e todos dizem que é uma atividade muito boa para ele, para se desenvolver.” (M2)

“Acho que pode favorecer a autoestima.” (M1)

- **Atividades preferidas pelas crianças com DID**

As mães foram questionadas acerca das atividades que pensam que os seus filhos preferem fazer nos Escoteiros.

**Quadro nº 7- Atividades preferidas pelas crianças com DID**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Atividades preferidas pelas crianças com DID	Todas	6	3
	Voluntariado	3	1
	Trabalhos na	1	1

	horta		
	Venda de produtos	1	1
	Total	6	

As mães afirmaram que as crianças gostam de todas as atividades, tendo a mãe 2 afirmado “Acho que ele gosta de tudo, ele está a adorar”, “Ele adora mesmo os Escoteiros. Fala muito sobre todas as atividades” e “Cada vez que chega a casa depois das atividades conta tudo com um entusiasmo e uma alegria que se custa a calar”. A mãe 2 refere ainda que “Ele gosta de fazer voluntariado”; “Gostou muito de ir fazer voluntariado no Cantinho dos Animais e gostava de ir outra vez” e “Também gostou de fazer o banco alimentar”. Segundo esta mãe, o seu filho também “Adora tratar da horta, ...” e “... ir vender os legumes que colhe na horta, às pessoas, pelas ruas.”

- **Atividades de que menos gostam**

As mães também foram questionadas acerca das atividades que consideram que os seus filhos menos gostam de realizar nos Escoteiros.

**Quadro nº 8- Atividades de que menos gostam**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Atividades de que menos gostam	Com balões	1	1
	Total	1	

Em relação a esta questão, as mães responderam que os filhos gostam de todas as atividades, tendo a M1 respondido que o filho gosta de tudo “... menos atividades com balões.”

- **Dificuldades mais sentidas pelas crianças com DID**

Pretendeu-se saber qual a perceção das mães, acerca das eventuais dificuldades que os seus filhos possam sentir, durante a realização das atividades escotistas. O quadro nº 9 mostra as subcategorias que emergiram da análise de conteúdo.

**Quadro nº 9- Dificuldades mais sentidas pelas crianças com DID**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Dificuldades mais sentidas pelas crianças com DID	Fazer atividades com balões	1	1
	Leitura e escrita	1	1
	Comunicação	1	1
	Total	3	

Em relação a este ponto, as mães mencionam que, no geral, não existem grandes dificuldades, sendo as mesmas específicas de cada criança e dos seus pontos fracos. Assim, a mãe 1 refere que “No caso dele penso que é mais nas atividades que envolvam balões por causa do medo que ele tem dos balões”, enquanto que a mãe 2 afirma

“Dificuldades em fazer trabalhos não vejo nenhuma, porque ele é capaz de fazer tudo. O pior é a leitura e a escrita”. Por último a mãe 3 refere que o principal problema da sua filha é “ A nível da comunicação”.

- **Relação entre crianças com DID e restantes crianças**

Procurou-se saber o tipo de relação que pensam que os seus filhos têm com as restantes crianças do Grupo.

**Quadro nº 10- Relação entre crianças com DID e restantes crianças**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Relação entre crianças com DID e restantes crianças	Boa relação	5	3
	Companheirismo	2	2
	Total	7	

Existe unanimidade em relação a este tópico, tendo todas as mães referido que existe uma boa relação entre as crianças, como ilustram os seguintes excertos:

“É boa. Ele fala muito dos colegas do Grupo: “Hoje fiz isto com aquele menino e fiz aquilo com o outro...” (M2)

“Uma relação de companheirismo.” (M3)

“Fala muito nos amigos, gosta muito da camaradagem.” (M2)

- **Relação entre crianças com DID e dirigentes**

Por fim, houve curiosidade em saber a opinião das mães acerca da relação entre as crianças e os Chefes do Grupo.

**Quadro nº 11- Relação entre crianças com DID e dirigentes**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=3)
Relação entre crianças com DID e restantes crianças	Boa relação	3	2
	Respeito	1	1
	Amizade	1	1
	Total	5	

As mães M1 e M2 afirmaram que existe uma boa relação. Por seu turno, M3 afirmou que existe “uma relação de respeito” e “de amizade” .

### **3.Resultados referentes às dirigentes**

O presente estudo centrou-se também nas respostas de 4 dirigentes do Grupo, Chefes das crianças em estudo, a uma entrevista, através da qual se pretendia conhecer a opinião das mesmas acerca dos efeitos da participação de crianças com DID no Grupo de Escoteiros.

#### **Dados referentes à caracterização das dirigentes entrevistadas**

##### **Género**

As 4 pessoas desta amostra são do sexo feminino.

##### **Idade**

A idade das dirigentes entrevistadas, D1, D2, D3 e D4 é, respetivamente, 38, 41, 32 e 33 anos.

##### **Habilitações Literárias**

As dirigentes em causa, D1, D2, D3 e D4, têm respetivamente o 12º, 9º, Licenciatura em Professores do 1º ciclo e 12º ano de escolaridade.

#### **Dados referentes às respostas dadas pelas dirigentes**

Neste ponto do estudo apresentam-se os resultados da análise de conteúdo das entrevistas realizadas às dirigentes do Grupo, através de quadros que contêm as frequências absolutas das unidades de registo e das unidades de enumeração referentes às categorias e às subcategorias que emergiram da referida análise.



Serão também citados excertos das entrevistas para ilustrar as opiniões das dirigentes sobre a questão em análise.

- **Frequência das atividades escotistas**

Pretendeu-se saber com que frequência o Grupo de Escoteiros se reúne para desenvolver atividades.

**Quadro nº 12 – Frequência das atividades escotistas do Grupo**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Frequência das reuniões	Semanalmente, ao sábado	4	4
	Total	4	

Todas as dirigentes afirmaram reunir o Grupo, para atividades escotistas, semanalmente, ao sábado.

- **Duração das atividades escotistas**

Pretendeu-se também saber a duração média das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Escoteiros.

**Quadro nº 13 – Duração das atividades escotistas**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Duração das reuniões	Três horas	4	4
	Total	4	

As 4 dirigentes referiram que as reuniões do Grupo para atividades têm uma duração média de 3 horas.

- **Atividades desenvolvidas**

Questionaram-se as Dirigentes acerca do tipo de atividades que costumam desenvolver com as crianças.

O quadro nº 14 mostra as subcategorias que emergiram da análise de conteúdo.

**Quadro nº 14 – Principais atividades desenvolvidas pelo Grupo**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Atividades desenvolvidas	Jogos	3	3
	Educativas	1	1
	Socialmente úteis	1	1
	Ambientais	2	2
	Físico-desportivas	2	2
	Culturais	1	1
	Na horta	2	2
	Na mata	1	1
	Acampamentos	2	2
	Passeio pedestre	1	1
	Técnica escotista	1	1
	Manuais	1	1
	Articulação com outras associações	1	1
	Total	19	

Em relação às atividades desenvolvidas pelo Grupo, as dirigentes entrevistadas referiram atividades muito variadas tais como jogos, atividades ambientais, educativas e socialmente úteis, acampamentos, atividades na horta, entre outras. Citamos algumas das afirmações;

*“Temos uma horta” (D2)*

*“ (...) se vamos para a horta tento organizar atividades que tenham a ver com a horta” (D4)*

*“ (...) vamos para a mata” (D2)*

*“ (...) fazemos acampamentos, ... ” (D2)*

*“De três em três meses fazemos a grande atividade, um acampamento de um fim-de-semana. ” (D3)*

*“Caminhadas” (D3)*

*“ (...) atividades relacionadas com técnicas de acampamento, técnicas de campo” (D3)*

*“ (...) atividades para conservação do ambiente e da natureza, ... ” (D3)*

- **Locais de realização das atividades**

Questionaram-se as dirigentes acerca dos locais onde costumam realizar as atividades escotistas.

**Quadro nº 15 – Locais de realização das atividades**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Locais de realização das atividades	Sede na Salvada	4	4
	Horta	2	2

	Perímetro florestal	4	4
	Recinto exterior do infantário da Salvada	1	1
	Total	11	

No que se refere aos locais onde as atividades são normalmente realizadas, todas as dirigentes referiram a sede na Salvada, assim como o Perímetro Florestal. Também foi referida a existência de uma horta.

*“Temos um espaço na freguesia da Salvada, uma habitação que definimos como sede” (D1)*

*“ (...) se formos para a nossa sede temos as salas das divisões para fazer alguns trabalhos que sejam necessários” (D4)*

*“ (...) temos uma hortinha” (D2)*

*“ (...) e temos um espaço no Perímetro Florestal na Freguesia de Cabeça Gorda.” (D1)*

*“Se formos para a mata temos o monte da mata e todo o espaço da mata,” (D4)*

- **Materiais utilizados**

Pretendeu-se ter conhecimento do tipo de materiais utilizados pelas crianças nas atividades escotistas.

#### **Quadro nº 16 - Materiais utilizados nas atividades escotistas**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Materiais utilizados	Materiais recicláveis	3	3

	Materiais da Natureza	2	2
	Utensílios da horta	2	2
	Cordas	2	2
	Varas	2	2
	Tendas	1	1
	Material de desenho e pintura	1	1
	Outros materiais	2	2
	Total	15	

As dirigentes referiram alguns dos materiais que costumam utilizar durante as atividades escotistas, como materiais recicláveis, materiais da Natureza, cordas, varas, entre outros. Passamos a citar algumas das respostas:

*“Também utilizamos materiais recicláveis” (D2)*

*“ (...) materiais que recolhemos na própria Natureza” (D1)*

*“ (...) na horta trabalhamos com os utensílios da horta” (D2)*

*“Se formos tratar da horta levamos o material da horta, as luvas, os sachos, sementes...” (D4)*

*“ (...) algum que adquirimos como cordas,” (D1)*

*“Na mata, por exemplo, utilizamos muito as cordas para fazer pontes Himalaias, nós e outras coisas.” (D2)*

*“ (...) utilizamos as varas” (D3)*

*“ (...) tendas” (D1)*

- **Envolvimento das crianças com DID nas atividades**

Sentiu-se necessidade de saber como se envolvem as crianças com DID nas atividades desenvolvidas. O quadro nº 17 mostra as subcategorias que emergiram da análise de conteúdo.

**Quadro nº 17 – Envolvimento das crianças com DID nas atividades**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Envolvimento das crianças com DID nas atividades	Normal	1	1
	Bom	6	3
	Muito interesse/ empenho	3	1
	Pouco interesse/empenho	2	1
	Boa participação	4	2
	Participação intermitente	2	1
	Total	19	

Em relação ao envolvimento das crianças com DID nas atividades escotistas, as Dirigentes referiram que as crianças “ (...) *envolvem-se bastante nas atividades*” (D3), que vêm “(...) *grande empenho e os resultados são muito visíveis e muito excepcionais.*” (D1)

- **Experiência com crianças com NEE**

Pretendeu-se conhecer se as dirigentes do Grupo já tinham algum tipo de experiência com crianças com NEE, ou se é uma situação completamente nova para as mesmas.

**Quadro nº 18 - Experiência com crianças com NEE**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Experiência com crianças com NEE	Tem experiência	4	2
	Não tem experiência	2	2
	Total	6	

Da análise do quadro concluímos que 2 dirigentes já tiveram algum tipo de experiência com crianças com NEE e outras 2 dirigentes não tiveram qualquer tipo de experiência. A dirigente 1 mostrou ser quem tem mais experiência, como ilustram os excertos que se seguem:

“Tenho experiência porque tenho uma filha com NEE, a experiência tem sido com ela (...) e tenho vindo a conhecer outras crianças a nível das instituições e das escolas ao longo destes anos ... ela está com 14 anos ... Centro de Paralisia, Escola Básica da Salvada, Escola Mário Beirão (...) e agora também com os Escoteiros.”

A dirigente 3, sendo professora de 1º ciclo, teve essa experiência em sala de aula, como se pode confirmar com os excertos:

“Sim, já tinha. Tive um aluno com NEE, muito difícil de lidar, nem sempre conseguia fazer as atividades (...) era muito agressivo e era muito difícil trabalhar com ele.”

As dirigentes 2 e 4 nunca tiveram qualquer tipo de experiência.

- **Necessidade de formação**

Sentiu-se necessidade de saber a opinião das dirigentes acerca das atividades escotistas e sobre eventuais benefícios que possam ter, para as crianças. O quadro nº 6 mostra as subcategorias que emergiram da análise de conteúdo.

**Quadro nº 19 – Necessidade de formação**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Necessidade de formação	Sim	7	3
	Não	1	1
	A nível de algumas problemáticas	1	1
	Sobre como agir	1	1
	Total	10	

Sentiu-se, por parte de 3 dirigentes, uma enorme necessidade de formação para trabalhar com crianças com NEE. Passamos a citar alguns exemplos:

*“ (...) apesar do conhecimento que temos por experiência própria há sempre necessidade de formação porque cada criança é um caso e as necessidades dessas crianças variam consoante o problema que têm” (D1)*

*“ (...) é importante que haja uma base de formação” (D1)*



*“ (...) a nível de algumas doenças ou algumas situações de educação especial para que depois possamos ajudar o melhor possível essas crianças.” (D1)*

*“Pessoalmente, sinto essa necessidade,” (D3)*

*“ (...) precisava mesmo de formação.” (D3)*

*“Mais a forma como agir com eles, talvez, como é que eu hei-de agir com determinada situação.” (D3)*

*“Eu, principalmente quando estamos a fazer uma atividade, uma brincadeira ou um trabalho e ele começa a falar noutra assunto que parece achar mais interessante e acaba por não fazer as tarefas...” (D4)*

Apenas a dirigente 2 afirma não sentir essa necessidade: *“Não. Porque para além de não ter nenhum caso na minha divisão e, talvez por isso, não sentir essa necessidade, acho que eles... Como é que hei-de dizer? Integram-se bem com os outros miúdos e se não estivermos com muita atenção nem nos apercebemos bem que eles têm dificuldades.” (D2)*

- **Cadernos de progresso pessoal**

Quisemos saber a opinião das dirigentes acerca da adequação dos Cadernos de Progresso Pessoal às crianças com problemáticas.

**Quadro nº 20 – Cadernos de progresso pessoal**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Cadernos de	Adequados	1	1

progresso pessoal	Devem sofrer alterações	8	3
	Total	9	

A dirigente 2 é da opinião que os manuais são adequados, afirmando: “Acho que são adequados, acho que eles conseguem fazer tudo o que lá está.”

As Dirigentes 1, 3 e 4 pensam que os manuais devem sofrer alterações. Citamos algumas afirmações:

“ Sim, deviam sofrer alguma alteração, principalmente na parte das pesquisas.” (D3)

“Apesar dos cadernos estarem muito bem conseguidos, para alguns casos devia haver outra forma de apresentação.” (D1)

“(…) mesmo que passe para os Escoteiros não vai levar as etapas todas concluídas, ele também costuma faltar e nem fez acantonamento nem acampamento…” (D4)

“(…) muito dificilmente vai conseguir concluir as etapas... e nem vai conseguir dormir fora... duvido muito...é uma etapa difícil de ultrapassar...” (D4)

A Dirigente 1 faz anda algumas sugestões: “No caso específico das crianças que temos, algumas delas têm dificuldade total ou parcial na leitura e na escrita. Devia haver... não digo um caderno específico mas mais direccionado para este tipo de crianças.” (D1)

“Não temos mas poderemos vir a ter uma criança com dificuldades a nível de visão e também nessa área... não sei se existe mas devia haver um caderno mais específico para esse tipo de situação...”

### Efeitos do Escotismo

Foi nossa pretensão conhecer a opinião das dirigentes, relativamente aos possíveis efeitos que o Escotismo pode ter nas crianças e jovens que o praticam. Da análise de conteúdo surgiram as subcategorias apresentadas no Quadro nº 21.

**Quadro nº 21 – Efeitos do Escotismo**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Efeitos do Escotismo	Espírito entreajuda	3	1
	Integração/inclusão	15	4
	Socialização	11	3
	Desenvolvimento capacidades	1	1
	Ultrapassar barreiras	5	1
	Promoção autonomia	3	3
	Desenvolvimento da motricidade	2	1
	Promoção da autoestima	8	4
	Total	48	

Da análise do quadro concluímos que foram vários os efeitos apresentados pelas dirigentes, todos eles benéficos para os seus praticantes, como se pode constatar através dos seguintes excertos:

“ (...) ajudam-se uns aos outros” (D1)

“Porque o próprio espírito escotista promove as boas relações onde tudo o mais falha.”  
(D1)

“ Inclusão é uma palavra muito bonita mas sem praticar e sem atos práticos não nos serve de muito e o escotismo parece ser um bom caminho para incluir estes jovens na vida, na sociedade e na escola,” (D1)

“ (...) porque as amizades que criam aqui fortalecem e depois isso nota-se até na própria escola” (D1)

“ (...) e isso promove, a todos os níveis, uma boa integração das crianças com NEE,”  
(D1)

“Na minha opinião os benefícios são totais porque qualquer criança com NEE quer, acima de tudo, sentir-se integrada e incluída.” (D1)

“ (...) desenvolvem mais capacidades.” (D2)

“É do que ele precisa mesmo é de autonomia... acho que o escotismo o vai ajudar bastante porque é mesmo do que ele precisa... (D4)

“A nível pessoal, tornam-se mais independentes,” (D1)

“ (...) a nível da motricidade,” (D1)

“ (...) conseguem melhorar o desempenho a nível de trabalhos manuais,” (D1)

“ (...) conseguirem interagir com as outras pessoas” (D3)

“ (...) Acho faz bem eles conviverem com os outros miúdos” (D1)

“ Acho que é uma boa maneira de preparar os miúdos para o mundo, para a vida e para a convivência com os outros.” (D2)

“ Há miúdos que noto que estão a ficar mais abertos para o convívio” (D2)

“ (...) ficam mais preparados para quando um dia mais tarde integrarem a sociedade em termos de trabalho.” (D3)

“ Em termos sociais é mais fácil lidarem com as outras pessoas nas mais diversas situações.” (D3)

“favorece bastante a autoestima. Quando eles conseguem superar aquela etapa é... a glória...” (D3)

### **Dificuldades sentidas pelas crianças com DID**

As dirigentes foram questionadas acerca de quais pensam ser as dificuldades mais sentidas pelas crianças com DID, durante as atividades escotistas.

### **Quadro nº 22 - Dificuldades sentidas pelas crianças com DID**

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Dificuldades sentidas pelas crianças com DID	Tarefas mais específicas	2	1
	Trabalhos manuais	2	1

	Leitura	5	1
	Jogos com muito movimento	1	1
	Nenhumas	1	1
	Total	11	

Após análise do quadro, verifica-se que a maior dificuldade é a nível da leitura, como ilustram os excertos:

“ Já me deparei com essas dificuldades e é mesmo a nível de leitura, porque a nível das outras atividades eles interagem e conseguem fazer atividades. (D3)

“ Agora quando eu levo alguma coisa para eles lerem é impossível,” (D3)

“ (...) eles não conseguem ler” (D3)

“ Os outros lêem e nesses momentos em que os outros estão a ler eles não conseguem prestar atenção, não absorvem a informação que os outros estão a passar.” (D3)

“É muito complicado nessas alturas.” (D3)

Foram ainda referidas dificuldades em tarefas mais específicas e nos trabalhos manuais, como confirmam os excertos seguintes:

“Nos casos que temos, por vezes têm alguma dificuldade em tarefas mais específicas.” (D1)

“ (...) como por exemplo trabalho manual” (D1)

“(…) ou trabalho que envolva o manuseamento de uma faca, duma agulha, duma frigideira.” (D1)

Por seu turno, a dirigente 2 afirmou que não se apercebeu de nenhuma dificuldade, como ilustra o seguinte excerto: “Não dei por nenhuma [dificuldades], pelo menos nas atividades que fazemos em grupo.”

### **Relação entre as crianças com DID e as restantes crianças do Grupo**

Questionaram-se as dirigentes acerca do tipo de relação existente entre as crianças com DID e as restantes crianças do Grupo. O quadro nº 23 mostra as subcategorias que emergiram da análise de conteúdo.

**Quadro nº 23 - Relação entre as crianças com DID e as restantes crianças do Grupo**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>F.U.R.</b>	<b>F.U.E. (N=4)</b>
Relação entre as crianças com DID e as restantes crianças do Grupo	Boa/ sem diferenças	10	3
	Com diferenças	2	1
	Total	12	

Três dirigentes afirmaram peremptoriamente que existe uma boa relação entre as crianças, tal como evidenciam os seguintes excertos:

“As relações... sinceramente não noto diferença (...) acho o grupo tão homogêneo neste momento que não vejo diferenças, tirando alguma situação em que algum fica mais nervoso ou fica mais envergonhado por uma situação ou outra (...) realmente eles estão incluídos e a diferença são as diferenças normais, as diferenças pessoais, as diferenças que todos temos como seres humanos (...) mas não noto diferenças nem afastamento entre eles.” (D1)

“é uma ótima relação (...) “não há separação (...) muitos miúdos nem se apercebem que eles têm dificuldades.” (D2)

“Em relação à minha divisão, essa relação é bastante positiva”(D3)

“ (...) as crianças que não têm dificuldades tentam sempre ajudar as outras naquilo que conseguem e puxam sempre pelas outras.” (D3)

Por seu turno, a dirigente não é tão peremptória nas suas afirmações relativamente ao bom relacionamento entre as crianças, como evidenciam os excertos seguintes:

“Há sempre ali um ponto que não conjuga totalmente...” (D4)

“mas quando chega a hora de escolher as equipas fica sempre mais para o fim, porque ele não consegue correr, porque não consegue fazer o jogo tão rápido e eles vão perder por causa dele” (D4)

## **Relação com os Dirigentes**

### **Quadro nº 24 - Relação com os dirigentes**

Por fim, questionaram-se as dirigentes acerca da sua relação com as crianças com DID.

Categoria	Subcategorias	F.U.R.	F.U.E. (N=4)
Relação com	Boa relação	7	3



os Dirigentes	Carinho	2	1
	Respeito	3	1
	Amizade	3	2
	Compreensão	1	1
	Apoio	4	3
	Equidade	1	1
	Total	21	

Como se pode verificar ao analisar o quadro, a relação entre as crianças com DID e as Chefes do Grupo é uma boa relação, baseada na amizade e respeito. A afirmação anterior pode ser comprovada pelos seguintes excertos:

Um exemplo prático, o “chefe”, o chefe não é só chefe mas alguém a quem se deve respeito e nos orienta” (D1)

“ (...) e esse termo é utilizado tanto quando nos juntamos nas atividades como é utilizado em qualquer lado onde nos encontremos... com um sentido muito mais amplo do que a própria palavra e mesmo por respeito” (D1)

“(...) no sentido da amizade” (D1)

“Eles vêm nestas pessoas que são os dirigentes, um chefe e amigo acima de tudo e pessoas em quem confiar.” (D1)

“ Acho que eles vêm os chefes como bons amigos.” (D2)

“ (...) sentem que têm ali alguém que os pode ajudar” (D4)

## 4. Síntese

Seguidamente, faremos uma síntese dos resultados obtidos e por nós considerados mais importantes.

Em síntese e de acordo com os dados recolhidos:

- As 4 dirigentes e as 3 mães das crianças em questão, pensam que o escotismo tem efeitos benéficos para as crianças que o praticam, promovendo a autoestima.
- As 3 mães, assim como 3 dirigentes referem que o escotismo promove a autonomia das crianças que o praticam.
- 3 dirigentes e 2 mães afirmam que a prática do escotismo facilita o processo de socialização.
- Segundo as 4 dirigentes, o escotismo é promotor da inclusão.
- De acordo com as afirmações de todos os participantes do estudo existe uma boa relação entre as crianças com DID, as restantes crianças do Grupo e as Dirigentes.
- 3 dirigentes afirmaram sentir necessidade de formação para trabalhar com crianças com este tipo de problemáticas, tendo uma dirigente referido que necessita de formação *“a nível de algumas doenças ou algumas situações de educação especial”*. Outra dirigente referiu sentir necessidade de saber mais sobre *“a forma como agir com eles”*.
- Em relação aos cadernos de progresso pessoal, 3 dirigentes afirmaram que devem sofrer alterações, uma vez que as crianças *“têm dificuldade total ou parcial na leitura e na escrita”* e, por isso, têm dificuldade em concluir as tarefas propostas nos manuais, nomeadamente, a realização de pesquisas.

Considerando o conjunto de elementos apresentados nesta síntese, constatou-se que deverá ser colmatada a necessidade de formação das dirigentes, assim como a

necessidade de remodelação ou criação de cadernos de progresso pessoal mais adequados às crianças com este tipo de problemáticas. Apresentaremos, de seguida, um plano de formação destinado às dirigentes do Grupos de Escoteiros e, eventualmente, a pais e colaboradores.

### **III PARTE**

#### **PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

## **1.Proposta de intervenção**

Com os dados adquiridos criámos um Plano de Formação que se apresentará de seguida.

O principal objetivo desta proposta será colmatar as lacunas que se detetaram com o presente estudo, a saber:

- Necessidade dos dirigentes conhecerem as características e necessidades específicas das crianças e jovens com DID;
- Necessidade dos dirigentes conhecerem os métodos mais indicados para a intervenção junto destas crianças;
- Necessidade de adequação dos cadernos de progresso pessoal, tendo em conta as dificuldades das crianças com DID.

Tendo-se constatado o facto de uma dirigente ter referido a necessidade de conhecer mais sobre diferentes problemáticas no âmbito das necessidades educativas especiais, o plano de formação que a seguir se apresenta procurará colmatar esta lacuna.

## Plano de Formação “Escotismo para todos”

<b>Módulos/ temática</b>	<b>Duração</b>	<b>Local</b>	<b>Calendário/ Horário</b>
<b>1.Definição de conceitos:</b> Deficiência, Incapacidade, Desvantagem	3h	Sede do Grupo	<b>05/09/2015</b> 9:00 – 12:00
<b>2.Inclusão – conceito e histórico</b> - Da segregação à inclusão - Escotismo e inclusão	3h	Sede do Grupo	<b>12/09/2015</b> 9:00 – 12:00
<b>3. A Criança com Necessidades Especiais</b> As diferentes problemáticas no âmbito das necessidades educativas especiais: - Características - Causas	6h	Sede do Grupo	<b>19/09/2015</b> 9:00 – 12:00  <b>26/09/2015</b> 9:00 – 12:00
<b>4.Papel e Postura do Dirigente no processo de Inclusão</b> ➤ O seu contributo ao nível da: - Preparação dos jovens escotistas para ajudar a acolher e incluir as crianças/ jovens com DID; - Estimulação da Comunicação, Socialização, Autonomia, Motricidade Cognição das crianças/ jovens com DID. -Estratégias para desenvolver a Comunicação, Socialização, Autonomia, Motricidade e Cognição das crianças com DID.	6h	Sede do Grupo	<b>03/10/2015</b> 9:00 – 12:00  <b>10/10/2015</b> 9:00 – 12:00
<b>5.Adaptação dos cadernos de progresso pessoal</b>	6h	Sede do Grupo	<b>17/10/2015</b> 9:00 – 12:00  <b>24/10/2015</b> 9:00 – 12:00

## Plano de formação: “Escotismo para todos”

Conteúdos	Objetivos específicos	Metodologia
<p><b>1.Definição de conceitos:</b></p> <p>Deficiência, Incapacidade, Desvantagem</p> <p><b>2.Inclusão:</b></p> <p>– conceito e histórico</p> <p>- Da segregação à inclusão</p> <p>- Escotismo e inclusão</p>	<p>Conhecer os conceitos de deficiência, incapacidade, desvantagem e inclusão.</p> <p>Conhecer as determinantes sócio históricas que conduziram à evolução dos conceitos (da segregação à inclusão).</p> <p>-Reconhecer a importância do escotismo na inclusão.</p>	<p>Inicialmente será desenvolvido um diálogo com os formandos, procurando colher as suas teorias implícitas sobre os conceitos em abordagem.</p> <p>Seguidamente será apresentado um diapositivo com as definições dos conceitos <i>supra</i> mencionados, após o que os formandos irão confrontar as suas teorias implícitas com os conceitos formais formulados pela literatura de referência.</p> <p>De seguida, será apresentada uma cronologia da evolução dos conceitos anteriormente referidos e será utilizado o método socrático durante a exploração da mesma.</p> <p>Refletir com os formandos sobre os princípios basilares do escotismo e sua relação com o conceito e a prática de inclusão.</p>

<p><b>3.A Criança com Necessidades Especiais</b></p> <p>As diferentes problemáticas no âmbito das necessidades educativas especiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Características</li> <li>- Causas</li> </ul>	<p>-Conhecer as principais características das crianças/ jovens portadoras das diferentes problemáticas no âmbito das necessidades educativas especiais.</p> <p>-Conhecer as principais causas que estão na génese de cada uma das problemáticas no âmbito das necessidades educativas especiais.</p>	<p>Será utilizada a metodologia de exposição, com apresentação de diapositivos, visionamento de vídeos e debate.</p>
<p><b>4.Papel e Postura do Dirigente no processo de Inclusão</b></p> <p>O seu contributo ao nível da:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Preparação dos jovens escotistas para ajudar a acolher e incluir as crianças/ jovens com</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Saber o que fazer para preparar as crianças e jovens do Grupo para o acolhimento e inclusão de crianças e</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo e reflexão com os formandos sobre o modo de preparar as outras crianças e jovens do Grupo para o acolhimento e inclusão de crianças e jovens com DID.</li> </ul>



<p>DID;</p> <p>- Estimulação da Comunicação, Socialização, Autonomia, Motricidade e Cognição das crianças/ jovens com DID.</p> <p>-Estratégias para desenvolver a Comunicação, Socialização, Autonomia, Motricidade e Cognição das crianças com DID.</p>	<p>jovens com DID.</p> <p>- Conhecer estratégias mais adequadas visando a estimulação da Comunicação, Socialização, Autonomia, Motricidade, Cognição das crianças/ jovens com DID</p>	<p>-Apresentação de técnicas que podem utilizar para motivar as crianças e jovens do Grupo para o acolhimento e inclusão de crianças e jovens com DID.</p> <p>-Selecionar em diálogo com os formandos as estratégias e atividades escotistas mais adequadas à estimulação da Comunicação, Socialização, Autonomia, Motricidade e Cognição das crianças/ jovens com DID.</p>
<p><b>5.Adaptação dos cadernos de progresso pessoal</b></p>	<p>-Ajustar o caderno de progresso pessoal para responder às necessidades destas crianças/ jovens.</p>	<p>-Em grupo as formandas refletirão com a formadora sobre as atividades mais adequadas a esta franja da população.</p> <p>-Após esta reflexão será adaptado o caderno de progresso pessoal de modo a responder às necessidades destas crianças/ jovens.</p>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da primeira parte desta investigação fez-se uma descrição da problemática DID e foram descritas as características e necessidades das crianças e jovens que a apresentam. Foi também feita uma breve abordagem sobre o Escotismo, sobre o conceito de Escotismo para todos e foram abordadas estratégias de intervenção.

Para a recolha de dados foram realizadas entrevistas a todos os participantes do estudo, ou seja, 3 mães, 3 crianças e 4 dirigentes.

A análise dos dados evidenciou que as dirigentes sentem necessidade de formação para trabalhar com crianças e jovens com necessidades educativas especiais. Constatou-se também que é necessário adaptar os cadernos de progresso pessoal às necessidades destas crianças e jovens.

Dadas as limitações do estudo, considerou-se que os resultados obtidos neste trabalho não podem ser generalizados para outros contextos. No entanto, com os dados adquiridos foi elaborado um Plano de Formação, tendo em conta as necessidades das dirigentes e das crianças que participaram no estudo.

Para melhor trabalhar com estas crianças será necessário conhecer as suas características e necessidades, revelando-se uma vez mais, a necessidade de existir uma formação adequada dos intervenientes, neste caso dos dirigentes. Cabe ao corpo dirigente proporcionar experiências motivadoras a todos os elementos do grupo e facilitar o aparecimento e o desenvolvimento das suas potencialidades. Deverá também criar os ambientes, estímulos, recursos e oportunidades, em função das características e necessidades individuais.

A realização deste estudo permitiu conhecer melhor a DID e as características das crianças que a manifestam. Permitiu ainda dar um pequeno passo muito importante na longa caminhada para a inclusão de crianças e jovens com deficiência em contextos sociais

externos à escola, porque foram traçadas algumas estratégias que poderão ser utilizadas com crianças com DID tendo em vista participarem ativamente nas atividades de um Grupo de Escoteiros, de forma a haver uma verdadeira inclusão no mesmo e a superação de algumas dificuldades.

Há ainda muito trabalho a fazer, é importante sensibilizar a comunidade para a importância do trabalho em equipa para ajudar no desenvolvimento destas crianças. É importante repensar modelos pedagógicos e redefinir estratégias e caminhos a seguir, de forma a contribuir para a formação de seres humanos confiantes, responsáveis, respeitadores. É importante relembrar a importância dos afetos e dos valores numa época em que os mesmos se encontram em crise. É necessário valorizar o respeito por si mesmo, pelos outros, por todos os seres vivos, pelo nosso planeta. É necessário fomentar a tolerância, a honestidade, a iniciativa, a autonomia, a auto-estima, a ética, a cidadania. É necessário encontrar o caminho do coração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ✓ ALBARELLO, L.; DIGNETTE, F.; HIERNAUX, J.-P.; MAROY, C. e RUGNOY, P. (2005). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva (2ª ed.).
- ✓ ALBUQUERQUE, M. C. (2000). *A Criança com Deficiência Mental Ligeira*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração dos jovens com Deficiência.
- ✓ AFONSO, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: um guia prático e crítico*. Porto: Asa.
- ✓ ALONSO, M. e BERMEJO, B. (2001). *Atraso Mental*. McGrawHill.
- ✓ AMADO, J. e CARDOSO, A. (2013). A Investigação Ação e suas modalidades. in J. Amado (Coord.), *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (pp. 187-204). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ✓ BARBOSA, J., (2007). *Problemas Mentais: Identificação e Intervenção Educativa*. Vila Nova de Gaia: Instituto Piaget.
- ✓ BELL, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. 3ª edição. Lisboa: Gradiva.
- ✓ BELO, C., CARIDADE, H., CABRAL, L. e SOUSA, R. (2008). Deficiência intelectual: terminologia e conceptualização. *Revista Diversidades*, nº 22 (Out.-Dez.), pp. 4-9.
- ✓ BOGDAN, R. e BIKLEN, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- ✓ FONSECA, V. (1980). Aprendizagem e deficiência mental. *Análise Psicológica*, vol. 1., pp. 63-85.
- ✓ FONSECA, V. (1989). *Educação Especial*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

- ✓ FONSECA, V. (1995). A Deficiência Mental a partir de um Enfoque Psicomotor. *Revista de Educação Especial e Reabilitação*, Janeiro/Dezembro (3/4), pp.125-139.
- ✓ GARCIA, S. (2002). *Deficiencia Mental. Aspectos psicoevolutivos y educativos*. Madrid: Ediciones Aljibe.
- ✓ KIRK, S.A., GALLAGHER, J.J. (2002). *A educação da criança excepcional*. S. Paulo. Editora Martins Fontes.
- ✓ LACERDA, C.B.F. (2000). *A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes: focalizando a organização do trabalho pedagógico*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED.
- ✓ LUCKASSON, R.; BORTHWICK-DUFFY, S.; BUNTINX, W.; COULTER, D.; CRAIG, E.; ... REEVE, A.. (2002). *Mental Retardation: Definitions, Classification and Systems of Supports*. 10th Edition, AAMR.
- ✓ MORATO, P. e SANTOS, S. (2002). *Comportamento Adaptativo*. Porto. Colecção Educação Especial. Porto Editora.
- ✓ MORATO, P. e SANTOS, S. (2007). Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais. A Mudança de Paradigma na Concepção da Deficiência Mental. *Revista de Educação Especial e Reabilitação*. Nº 15, pp. 7-14.
- ✓ NIELSEN, L. B. (1999). *Necessidades Educativas Especiais na Sala de Aula. Um Guia para Professores*. Colecção Educação Especial. Porto: Porto Editora.
- ✓ PACHECO e VALENCIA (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa. Dinalivro.
- ✓ POWELL, B. (1919). *Aids to Scoutmastership*. Londres: Jenkins.
- ✓ PRADO, R. e VERÓN, A. (2000). Las personas con retraso mental: Características de su desarrollo. Principios generales de intervención educativa y

- critérios para adaptar el curriculum a estos alumnos. *Psicopedagogia*, Vol. III, pp. 87-105.
- ✓ QUEIROZ, M. e RAMOS, J. (2007). *Educação especial. Modelos de serviços para o educando com retardo mental*. São Paulo. APAE.
  - ✓ RIBEIRO, C. (2003). Metacognição: Um apoio ao Processo de Aprendizagem. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, vol.16, pp.109-116.
  - ✓ SANCHES, I. (2005). Compreender, agir, mudar e incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva . *Revista Lusófona de Educação*. Vol. 5, pp. 127-142.
  - ✓ SANTOS, S. (2010). A DID (Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental) na Atualidade. *Educação Inclusiva*. Vol. 1, nº2, pp.163-180.
  - ✓ SCHALOCK, R.; LUCKASSON, R.; SHOGREN, K.; BORTHWICK-DUFFY, S.; BRADLEY, B.; ... YEAGER, M.. (2007). The Renaming of Mental Retardation: understanding the change to the term of Intellectual Disability. *Intellectual and Developmental Disabilities Review*. Vol. 45 ,nº2, pp.116-124.
  - ✓ SCHALOCK, R.; GARDNER, J. e BRADLEY, V. (2010). *Quality of Life for People With Intellectual and Other Developmental Disabilities – Applications Across Individuals, Organizations, Communities, and Systems*. AAIDD. Washington, D.C..
  - ✓ SERRANO, G. (2004). *Investigación-acción. Aplicaciones al campo social y educativo*. Madrid: Dykinson.
  - ✓ TRONCOSO, M. e CERRO, M. (2004), “*Síndrome de Down: leitura e escrita*”. Porto: Porto Editora.

- ✓ VIEIRA, F. e PEREIRA, M. (2002). *Se houvera quem me ensinara.., A Educação de Pessoas com Deficiência Mental* (5.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ✓ VIEIRA, F. e PEREIRA, M. (2003). *Se houvera quem me ensinara – educação de pessoas com deficiência*. (2<sup>a</sup> Edição). Lisboa. Fundação Caloust Gulbenkian.

# **APÊNDICES**

## **“ESCOTISMO PARA TODOS”**

### **O Impacto do Escotismo no Comportamento Adaptativo de Crianças com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental**

**Susana Alexandra Santos Flores**



**APÊNDICE nº 1**  
***Guiões de entrevistas***

## Guião de entrevista às Dirigentes

### “ESCOTISMO PARA TODOS”

#### *O IMPACTO DO ESCOTISMO NO COMPORTAMENTO ADAPTATIVO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE INTELECTUAL E DESENVOLVIMENTAL*

<b>Temas</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Objectivos</b>
Justificação da Entrevista, Motivação do Entrevistado, Confidencialidade dos dados	1- Informar o entrevistado sobre o trabalho a ser realizado. 2- Mostrar a importância da sua participação no estudo através da entrevista concedida. 3- Garantir que as informações fornecidas são confidenciais.	-Justificar a entrevista.  -Motivar o entrevistado.  -Garantir a confidencialidade.
Identificação	1- Quantos anos tem?  2- Qual a sua formação?  3- Que função exerce no Grupo de Escoteiros? 4- Quando iniciou atividades?	- Realizar uma breve caracterização do entrevistado -Conhecer o tipo de formação adquirida ao longo do percurso profissional do entrevistado -Conhecer o seu papel no Grupo
Recolha de informações sobre as atividades escotistas	1-Com que frequência o Grupo reúne para atividades? 2- Reúnem por quanto tempo? 3- Que tipo de atividades desenvolvem	-Recolher dados de informação sobre a natureza das atividades escotistas

	<p>normalmente?</p> <p>4- Têm espaços definidos para a prática das atividades que desenvolvem?</p> <p>5- Que materiais costumam utilizar nas atividades?</p> <p>6- Qual o envolvimento das crianças/jovens com DID nas atividades escotistas?</p> <p>7- Já tinha algum tipo de experiência de trabalho/convivência com crianças com NEE?</p> <p>8-Pessoalmente sente necessidade de algum esclarecimento ou formação para desenvolver atividades com estas crianças?</p> <p>9- Na sua opinião, os cadernos de progresso das crianças são adequados para as crianças com NEE ou deviam sofrer alguma alteração?</p>	<p>-Conhecer a inclusão das crianças com DID no Grupo</p> <p>-Conhecer as experiências/vivências com crianças com NEE</p> <p>-Colher opiniões sobre a pertinência de formação para o trabalho com as necessidades educativas especiais</p> <p>-Colher opiniões sobre a adequação dos manuais utilizados pelas crianças</p>
Recolha de informações sobre as capacidades de autonomia pessoal e social que as atividades	1- Na sua opinião, quais os benefícios do escotismo para as crianças/ jovens com	- Recolher informações sobre as capacidades de autonomia pessoal e social que as atividades escotistas

escotistas promovem	<p>DID?</p> <p>2 - Quais as dificuldades mais sentidas pelas crianças/jovens com DID no decorrer das atividades?</p> <p>3- Que competências de autonomia pessoal e social o escotismo promove?</p> <p>4- O escotismo pode favorecer a autoestima?</p>	promovem
Recolha de informações sobre as relações interpessoais estabelecidas no Grupo de Escoteiros	<p>1-Como descreve a relação existente entre as crianças/jovens com DID que frequentam o Grupo com as restantes crianças?</p> <p>2- Considera que as atividades escotistas promovem a inclusão de crianças/ jovens com DID?</p> <p>3- Como descreve a relação entre as crianças/jovens com DID e os dirigentes?</p>	Recolher informações sobre as relações interpessoais estabelecidas no Grupo de Escoteiros
Agradecimentos	- Agradecer	-Agradecer a entrevista concedida

## Guião de entrevista às mães

### “ESCOTISMO PARA TODOS”

#### *O IMPACTO DO ESCOTISMO NO COMPORTAMENTO ADAPTATIVO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE INTELECTUAL E DESENVOLVIMENTAL*

<b>Temas</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Objectivos</b>
Justificação da Entrevista, Motivação do Entrevistado, Confidencialidade dos dados	1- Informar o entrevistado sobre o trabalho a ser realizado.  2- Mostrar a importância da sua participação no estudo através da entrevista concedida.  3- Garantir que as informações fornecidas são confidenciais.	-Justificar a entrevista.  -Motivar o entrevistado.  -Garantir a confidencialidade.
Identificação	1- Quantos anos tem? 2- Qual a sua formação?	- Realizar uma breve caracterização do entrevistado  -Conhecer o tipo de formação adquirida ao longo do percurso profissional do entrevistado
Recolha de informações sobre as capacidades de autonomia pessoal e social que as atividades escotistas promovem	1-Acha que as atividades escotistas são benéficas para as crianças/ jovens com DID?  2- Que competências	- Recolher informações sobre as capacidades de autonomia pessoal e social que as atividades escotistas promovem

	<p>de autonomia pessoal e social o escotismo promove?</p> <p>3- Quais pensa serem as atividades que o seu filho mais gosta de fazer?</p> <p>4- Quais pensa serem as dificuldades mais sentidas pelo seu filho no decorrer das atividades?</p> <p>5- O escotismo pode favorecer a autoestima?</p>	
Recolha de informações sobre as relações interpessoais estabelecidas no Grupo de Escoteiros	<p>1- Como descreve a relação existente entre o seu filho e as restantes crianças do Grupo?</p> <p>2- Como descreve a relação entre o seu filho e os dirigentes?</p>	Recolher informações sobre as relações interpessoais estabelecidas no Grupo de Escoteiros
Agradecimentos	- Agradecer	-Agradecer a entrevista concedida

## Guião de entrevista às crianças

### “ESCOTISMO PARA TODOS”

#### *O IMPACTO DO ESCOTISMO NO COMPORTAMENTO ADAPTATIVO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE INTELECTUAL E DESENVOLVIMENTAL*

<b>Temas</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Objectivos</b>
Justificação da Entrevista, Motivação do Entrevistado, Confidencialidade dos dados	<p>1- Informar o entrevistado sobre o trabalho a ser realizado.</p> <p>2- Mostrar a importância da sua participação no estudo através da entrevista concedida.</p> <p>3- Garantir que as informações fornecidas são confidenciais.</p>	<p>-Justificar a entrevista.</p> <p>-Motivar o entrevistado.</p> <p>-Garantir a confidencialidade.</p>
Identificação	<p>1- Quantos anos tens?</p> <p>2- Em que divisão dos Escoteiros estás?</p> <p>3- Qual é a tua patrulha?</p> <p>4- Qual é a tua função na tua patrulha?</p>	- Realizar uma breve caracterização do entrevistado
Recolha de informações sobre as capacidades de autonomia pessoal e social que as atividades escotistas promovem	<p>1- Gostas de andar nos Escoteiros?</p> <p>2- Quais são as atividades que mais gostas de fazer?</p> <p>3-Quais são as</p>	- Recolher informações sobre as capacidades de autonomia pessoal e social que as atividades escotistas promovem

	atividades que menos gostas de fazer?	
Recolha de informações sobre as relações interpessoais estabelecidas no Grupo de Escoteiros	<p>1-Gostas dos outros meninos dos Escoteiros? Dás-te bem com eles?</p> <p>2- Gostas dos teus chefes? Dás-te bem com eles?</p>	Recolher informações sobre as relações interpessoais estabelecidas no Grupo de Escoteiros
Agradecimentos	- Agradecer	-Agradecer a entrevista concedida



**APÊNDICE nº 2**  
***Entrevistas às Dirigentes***

## Entrevista à Dirigente 1

Entrevistador	Antes de dar início a esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação do mestrado em Educação Especial, cujo tema é “O impacto do escotismo no comportamento adaptativo de crianças com dificuldade intelectual e desenvolvimental” informo que a sua participação é muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho.  Garanto ainda a confidencialidade e o anonimato.
Entrevistador	Começo por perguntar a sua idade.
Dirigente 1	Tenho 38 anos
Entrevistador	E qual é a sua formação?
Dirigente 1	Tenho o ensino secundário... 12º ano e frequência do ensino Superior, dois anos em Engenharia Informática.
Entrevistador	Que função exerce no Grupo de Escoteiros?
Dirigente 1	Subchefe da Tribo de Escoteiros.
Entrevistador	Quando iniciou atividades?
Dirigente 1	No dia 13 de Outubro.
Entrevistador	Com que frequência o Grupo reúne para atividades?
Dirigente 1	Semanalmente, ao sábado.
Entrevistador	Reúnem por quanto tempo?
Dirigente 1	Normalmente por três horas, sempre mais um bocadinho, mas é consoante a atividade.
Entrevistador	Que tipo de atividades desenvolvem normalmente?
Dirigente 1	Atividades muito variadas: atividades lúdicas, atividades educativas, atividades socialmente úteis, a nível do ambiente, desporto, iniciativas a nível cultural, das freguesias...

Entrevistador	Têm espaços definidos para a prática das atividades que desenvolvem?
Dirigente 1	Sim. Temos um espaço na freguesia da Salvada, uma habitação que definimos como sede e temos um espaço no Perímetro Florestal na Freguesia de Cabeça Gorda.
Entrevistador	Que materiais costumam utilizar nas atividades?
Dirigente 1	Materiais recicláveis, materiais que recolhemos na própria Natureza, algum que adquirimos como cordas, tendas...
Entrevistador	Qual o envolvimento das crianças/jovens com DID nas atividades escotistas?
Dirigente 1	Um envolvimento bastante bom. Vejo grande interesse por parte das crianças que são de níveis etários diferentes, vejo grande envolvimento, grande empenho e os resultados são muito visíveis e muito excepcionais. Os resultados das atividades são bons, empenham-se muito e tem sido bastante bom.
Entrevistador	Já tinha algum tipo de experiência de trabalho/ convivência com crianças com NEE?
Dirigente 1	Tenho experiência porque tenho uma filha com NEE, a experiência tem sido com ela e tenho vindo a conhecer outras crianças a nível das instituições e das escolas ao longo destes anos... ela está com 14 anos... Centro de Paralisia, Escola Básica da Salvada, Escola Mário Beirão e agora também com os Escoteiros.
Entrevistador	Pessoalmente sente necessidade de algum esclarecimento ou formação para desenvolver atividades com estas crianças?
Dirigente 1	Penso que sim porque, apesar do conhecimento que temos por experiência própria, há sempre necessidade de formação porque cada criança é um caso e as necessidades dessas crianças variam consoante o problema que têm e é importante que haja uma base de formação a nível de algumas doenças ou algumas situações de educação especial para que depois possamos ajudar o melhor possível essas crianças.

Entrevistador	Na sua opinião, os cadernos de progresso das crianças são adequados para as crianças com NEE ou deviam sofrer alguma alteração?
Dirigente 1	Apesar dos cadernos estarem muito bem conseguidos, penso que para alguns casos devia haver outra forma de apresentação. No caso específico das crianças que temos, algumas delas têm dificuldade total ou parcial na leitura e na escrita. Devia haver... não digo um caderno específico mas mais direccionado para este tipo de crianças. Não temos, mas poderemos vir a ter uma criança com dificuldades a nível de visão e também nessa área... não sei se existe mas devia haver um caderno mais específico para esse tipo de situação...
Entrevistador	Na sua opinião, quais os benefícios do escotismo para as crianças/jovens com DID?
Dirigente 1	Na minha opinião os benefícios são totais porque qualquer criança com NEE quer, acima de tudo, sentir-se integrada e incluída. Logo, sendo o escotismo baseado na entreajuda e tudo mais... os mais velhos ajudam os mais novos, aqueles que têm mais dificuldades... ajudam-se uns aos outros e acaba por se desvanecer essa diferença que noutros sítios... e apesar da escola ser inclusiva... principalmente na escola se nota mais que o fosso é maior entre as crianças com NEE e as crianças ditas normais. Hoje em dia quase todas as crianças têm necessidades duma forma ou doutra...
Entrevistador	Quais as dificuldades mais sentidas pelas crianças/jovens com DID no decorrer das atividades?
Dirigente 1	Nos casos que temos, por vezes têm alguma dificuldade em tarefas mais específicas. Nos trabalhos em grupo não se notam dificuldades, só em tarefas mais específicas como por exemplo trabalho manual ou trabalho que envolva o manuseamento de uma faca, duma agulha, duma frigideira. Podem ter um bocadinho mais de dificuldades mas com o tempo conseguimos... e não só eles ficam... surpreendem-nos a nós porque às vezes há coisa que pensávamos que eles não conseguiam e



	surpreendem-nos pela positiva nas atividades que vamos fazendo. Fora isso, não vejo grandes dificuldades, tem corrido muito bem.
Entrevistador Dirigente 1	<p>Que competências de autonomia pessoal e social o escotismo promove?</p> <p>A nível pessoal, tornam-se mais independentes, a nível da motricidade, conseguem melhorar o desempenho a nível de trabalhos manuais, das próprias tarefas, da organização das tarefas, trabalhos em grupo...por exemplo, se vão contar uma história e há crianças que têm dificuldade em interagir e contar histórias para o grupo, motivados pelos outros... dá uma maior abertura a nível social.</p>
Entrevistador Dirigente 1	<p>O escotismo pode favorecer a autoestima?</p> <p>Claro que sim, obviamente. Estas crianças precisam de ser muito estimuladas e qualquer atividade que se faça com eles e que eles se sintam motivados promove obviamente a autoestima e isso vai trazer-lhes vontade de ultrapassar novas etapas. São crianças com muita força e precisam realmente de juntar à volta deles um grupo de pessoas que lhes dê apoio de forma positiva.</p>
Entrevistador Dirigente 1	<p>Como descreve a relação existente entre as crianças/jovens com DID que frequentam o Grupo com as restantes crianças?</p> <p>As relações... sinceramente não noto diferença, acho o grupo tão homogéneo neste momento que não vejo diferenças, tirando alguma situação em que algum fica mais nervoso ou fica mais envergonhado por uma situação ou outra. Mas... realmente eles estão incluídos e a diferença são as diferenças normais, as diferenças pessoais, as diferenças que todos temos como seres humanos... mas não noto diferenças nem afastamento entre eles.</p>
Entrevistador Dirigente 1	<p>Considera que as atividades escotistas promovem a inclusão de crianças/jovens com DID?</p> <p>Sim. Porque o próprio espírito escotista promove as boas relações onde tudo o mais falha. Inclusão é uma palavra muito bonita mas sem praticar</p>

	<p>e sem atos práticos não nos serve de muito e o escotismo parece ser um bom caminho para incluir estes jovens na vida, na sociedade e na escola, porque as amizades que criam aqui fortalecem e depois isso nota-se até na própria escola porque dantes até se conheciam mas não ligavam muito uns aos outros, mas agora como têm uma convivência durante as atividades que realizamos, na escola sentem que têm que se proteger e isso promove, a todos os níveis, uma boa integração das crianças com NEE, é a minha opinião.</p>
Entrevistador	Como descreve a relação entre as crianças/jovens com DID e os dirigentes?
Dirigente 1	<p>Uma relação de muito carinho, de muito respeito. Um exemplo prático, o “chefe”, o chefe não é só chefe mas alguém a quem se deve respeito e nos orienta e esse termo é utilizado tanto quando nos juntamos nas atividades como é utilizado em qualquer lado onde nos encontremos... com um sentido muito mais amplo do que a própria palavra e mesmo por respeito, no sentido da amizade, do carinho e de tudo o mais... da compreensão porque vários temas são abordados e, como disse atrás e esta é a minha opinião, nós temos casos mais específicos de crianças com NEE mas temos crianças com outros problemas e quando damos por isso estão a falar connosco. Eles vêem nestas pessoas que são os dirigentes, um chefe e amigo acima de tudo e pessoas em quem confiar.</p>
Entrevistador	Muito obrigado pela colaboração.

## Entrevista à Dirigente 2

Entrevistador	<p>Antes de dar início a esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação do mestrado em Educação Especial, cujo tema é “O impacto do escotismo no comportamento adaptativo de crianças com dificuldade intelectual e desenvolvimental” informo que a sua participação é muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>Garanto ainda a confidencialidade e o anonimato.</p>
Entrevistador	Começo por perguntar a sua idade.
Dirigente 2	41 anos.
Entrevistador	E qual é a sua formação?
Dirigente 2	Tenho o 9º ano.
Entrevistador	Que função exerce no Grupo de Escoteiros?
Dirigente 2	Sou a Chefe dos Exploradores.
Entrevistador	Quando iniciou atividades?
Dirigente 2	No dia 13 de Outubro de 2013.
Entrevistador	Com que frequência o Grupo reúne para atividades?
Dirigente 2	Todas as semanas, ao sábado.
Entrevistador	Reúnem por quanto tempo?
Dirigente 2	Mais ou menos três horas.
Entrevistador	Que tipo de atividades desenvolvem normalmente?
Dirigente 2	Temos uma horta, vamos para a mata, fazemos acampamentos,...
Entrevistador	Têm espaços definidos para a prática das atividades que desenvolvem?
Dirigente 2	Temos na Salvada...temos uma hortinha e no Perímetro Florestal.

Entrevistador	Que materiais costumam utilizar nas atividades?
Dirigente 2	Na mata, por exemplo, utilizamos muito as cordas para fazer pontes Himalaias, nós e outras coisas. Na horta trabalhamos com os utensílios da horta. Também utilizamos materiais recicláveis e materiais da Natureza.
Entrevistador	Qual o envolvimento das crianças/jovens com DID nas atividades escotistas?
Dirigente 2	O envolvimento normal dos outros miúdos, participam em tudo. Gostam de participar, gostam de se envolver e gostam de fazer e acho que se sentem realizados por isso...é o que eu acho...
Entrevistador	Já tinha algum tipo de experiência de trabalho/ convivência com crianças com NEE?
Dirigente 2	Não, nunca tive essa experiência.
Entrevistador	Pessoalmente sente necessidade de algum esclarecimento ou formação para desenvolver atividades com estas crianças?
Dirigente 2	Não. Porque para além de não ter nenhum caso na minha divisão e, talvez por isso, não sentir essa necessidade, acho que eles... Como é que hei-de dizer? Integram-se bem com os outros miúdos e se não estivermos com muita atenção nem nos apercebemos bem que eles têm dificuldades.
Entrevistador	Na sua opinião, os cadernos de progresso das crianças são adequados para as crianças com NEE ou deviam sofrer alguma alteração?
Dirigente 2	Acho que são adequados, acho que eles conseguem fazer tudo o que lá está.
Entrevistador	Na sua opinião, quais os benefícios do escotismo para as crianças/jovens com DID?
Dirigente 2	Acho que faz bem eles conviverem com os outros miúdos e acho que desenvolvem mais capacidades.



Entrevistador	Quais as dificuldades mais sentidas pelas crianças/jovens com DID no decorrer das atividades?
Dirigente 2	Não dei por nenhuma, pelo menos nas atividades que fazemos em grupo.
Entrevistador	Que competências de autonomia pessoal e social o escotismo promove?
Dirigente 2	Acho que é uma boa maneira de preparar os miúdos para o mundo, para a vida e para a convivência com os outros. Há miúdos que noto que estão a ficar mais abertos para o convívio e mais à vontade, não há tanto aquela timidez...
Entrevistador	O escotismo pode favorecer a autoestima?
Dirigente 2	Sim, muito. Até aos adultos.
Entrevistador	Como descreve a relação existente entre as crianças/jovens com DID que frequentam o Grupo com as restantes crianças?
Dirigente 2	Acho que é uma ótima relação, acho que não há separação. Penso que muitos miúdos nem se apercebem que eles têm dificuldades.
Entrevistador	Considera que as atividades escotistas promovem a inclusão de crianças/jovens com DID?
Dirigente 2	Sim. Sem dúvida que sim.
Entrevistador	Como descreve a relação entre as crianças/jovens com DID e os dirigentes?
Dirigente 2	Acho que há um bom relacionamento. Como já tinha dito, não tenho nenhuma destas crianças na minha divisão e, no entanto, damo-nos muito bem e a menina gosta muito de me vir dar um abraço e um beijinho. Acho que eles vêem os chefes como bons amigos.
Entrevistador	Muito obrigado pela colaboração.

### **Entrevista à Dirigente 3**

Entrevistador	<p>Antes de dar início a esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação do mestrado em Educação Especial, cujo tema é “O impacto do escotismo no comportamento adaptativo de crianças com dificuldade intelectual e desenvolvimental” informo que a sua participação é muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>Garanto ainda a confidencialidade e o anonimato.</p>
Entrevistador	Começo por perguntar a sua idade.
Dirigente 3	32 anos.
Entrevistador	E qual é a sua formação?
Dirigente 3	Sou licenciada em Professores do 1º ciclo.
Entrevistador	Que função exerce no Grupo de Escoteiros?
Dirigente 3	Neste momento estou a exercer Chefe da Tribo de Escoteiros.
Entrevistador	Quando iniciou atividades?
Dirigente 3	Iniciei atividades em Outubro de 2013.
Entrevistador	Com que frequência o Grupo reúne para atividades?
Dirigente 3	O Grupo reúne todos os fins-de-semana, normalmente todos os sábados.
Entrevistador	Reúnem por quanto tempo?
Dirigente 3	Sensivelmente três horas.
Entrevistador	Que tipo de atividades desenvolvem normalmente?
Dirigente 3	Jogos, caminhadas, exercício físico, atividades relacionadas com técnicas de acampamento, técnicas de campo, atividades para conservação do ambiente e da natureza, de três em três meses fazemos a grande atividade, um acampamento de um fim-de-semana. ...

Entrevistador	Têm espaços definidos para a prática das atividades que desenvolvem?
Dirigente 3	Sim, temos uma sede na Salvada e outra no Perímetro Florestal.
Entrevistador	Que materiais costumam utilizar nas atividades?
Dirigente 3	Utilizamos as cordas, utilizamos as varas e outros materiais necessários... consoante as atividades...
Entrevistador	Qual o envolvimento das crianças/jovens com DID nas atividades escotistas?
Dirigente 3	Em relação ao menino dos Lobitos não sei muito bem como é o envolvimento dele nas atividades, mas em relação aos da Divisão dos Escoteiros gostam, envolvem-se bastante nas atividades, participam e fazem sempre a atividade com sucesso.
Entrevistador	Já tinha algum tipo de experiência de trabalho/ convivência com crianças com NEE?
Dirigente 3	Sim, já tinha. Tive um aluno com NEE, muito difícil de lidar, nem sempre conseguia fazer as atividades, tinha um síndrome muito complicado de definir e ainda não tinham a certeza se estava bem definido, mas era muito agressivo e era muito difícil trabalhar com ele.
Entrevistador	Pessoalmente sente necessidade de algum esclarecimento ou formação para desenvolver atividades com estas crianças?
Dirigente 3	Sim. Pessoalmente, sinto essa necessidade, precisava mesmo de formação para isso. Mais a forma como agir com eles, talvez, como é que eu hei-de agir com determinada situação.
Entrevistador	Na sua opinião, os cadernos de progresso das crianças são adequados para as crianças com NEE ou deviam sofrer alguma alteração?
Dirigente 3	Sim, deviam sofrer alguma alteração, principalmente na parte das pesquisas. Há crianças que não sabem ler, nunca me vão conseguir apresentar um trabalho de pesquisa como lá está a pedir no Caderno de Progresso.

Entrevistador	Na sua opinião, quais os benefícios do escotismo para as crianças/jovens com DID?
Dirigente 3	O benefício é integrá-los na sociedade, integrá-los com o Grupo, eles interagirem com as outras pessoas, conseguirem interagir com as outras pessoas e conseguirem fazer uma vida normal como as outras pessoas fazem.
Entrevistador	Quais as dificuldades mais sentidas pelas crianças/jovens com DID no decorrer das atividades?
Dirigente 3	Já me deparei com essas dificuldades e é mesmo a nível de leitura, porque a nível das outras atividades eles interagem e conseguem fazer atividades. Agora quando eu levo alguma coisa para eles lerem é impossível, eles não conseguem ler. Os outros lêem e nesses momentos em que os outros estão a ler eles não conseguem prestar atenção, não absorvem a informação que os outros estão a passar. É muito complicado nessas alturas.
Entrevistador	Que competências de autonomia pessoal e social o escotismo promove?
Dirigente 3	Eles tornam-se mais autónomos, ficam mais preparados para quando um dia mais tarde integrarem a sociedade em termos de trabalho. Em termos sociais é mais fácil lidarem com as outras pessoas nas mais diversas situações.
Entrevistador	O escotismo pode favorecer a autoestima?
Dirigente 3	Sim, favorece bastante a autoestima. Quando eles conseguem superar aquela etapa é... a glória...
Entrevistador	Como descreve a relação existente entre as crianças/jovens com DID que frequentam o Grupo com as restantes crianças?
Dirigente 3	Em relação à minha divisão, essa relação é bastante positiva porque as crianças que não têm dificuldades tentam sempre ajudar as outras naquilo que conseguem e puxam sempre pelas outras.



Entrevistador	Considera que as atividades escotistas promovem a inclusão de crianças/jovens com DID?
Dirigente 3	Sim, promovem a inclusão das crianças com DID.
Entrevistador	Como descreve a relação entre as crianças/jovens com DID e os dirigentes?
Dirigente 3	É uma relação boa. Eles quando têm dificuldades falam com o Chefe, dizem as dificuldades que têm. Temos uma boa relação.
Entrevistador	Muito obrigado pela colaboração.

### **Entrevista à Dirigente 4**

Entrevistador	Antes de dar início a esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação do mestrado em Educação Especial, cujo tema é “O impacto do escotismo no comportamento adaptativo de crianças com dificuldade intelectual e desenvolvimental” informo que a sua participação é muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho.  Garanto ainda a confidencialidade e o anonimato.
Entrevistador	Começo por perguntar a sua idade.
Dirigente 4	33 anos.
Entrevistador	E qual é a sua formação?
Dirigente 4	12º ano.
Entrevistador	Que função exerce no Grupo de Escoteiros?
Dirigente 4	Sou a Chefe Dirigente da Alcateia.
Entrevistador	Quando iniciou atividades?
Dirigente 4	A 13 de Outubro de 2013.
Entrevistador	Com que frequência o Grupo reúne para atividades?
Dirigente 4	Todas as semanas, normalmente ao sábado.
Entrevistador	Reúnem por quanto tempo?
Dirigente 4	Por três horas mais ou menos.
Entrevistador	Que tipo de atividades desenvolvem normalmente?
Dirigente 4	Atividades que vamos combinando durante a semana como alguns jogos, atividades manuais... se vamos para a horta tento organizar atividades que tenham a ver com a horta, às vezes participamos nas atividades de outras associações da Salvada ou da Cabeça Gorda, depende...

Entrevistador	Têm espaços definidos para a prática das atividades que desenvolvem?
Dirigente 4	Se formos para a mata temos o monte da mata e todo o espaço da mata, se formos para a nossa sede temos as salas das divisões para fazer alguns trabalhos que sejam necessários, temos a horta e todo o recinto exterior do infantário da Salvada.
Entrevistador	Que materiais costumam utilizar nas atividades?
Dirigente 4	Então, se formos para a mata e fizermos jogos utilizamos cordas ou levamos outros materiais que sejam necessários, depende dos jogos. Se formos tratar da horta levamos o material da horta, as luvas, os sachos, sementes...se for trabalhos manuais utilizamos folhas, canetas, tintas, material reciclável, depende do trabalho...
Entrevistador	Qual o envolvimento das crianças/jovens com DID nas atividades escotistas?
Dirigente 4	São casos... sei lá... no caso do X em específico... começa a atividade mas quando olhamos já não está na atividade. Os outros casos não sei bem mas o X... quando estou a explicar a atividade parece que está percebendo mas momentos depois já está completamente desligado e a fazer outra coisa diferente. Logo, logo, parece que está entusiasmado com a atividade mas é por pouco tempo, rapidamente perde o interesse, com qualquer coisa se distrai e vai fazer outra coisa... não sei explicar...
Entrevistador	Já tinha algum tipo de experiência de trabalho/ convivência com crianças com NEE?
Dirigente 4	Não...não...
Entrevistador	Pessoalmente sente necessidade de algum esclarecimento ou formação para desenvolver atividades com estas crianças?
Dirigente 4	Sim... sim... sim... Eu, principalmente quando estamos a fazer uma atividade, uma brincadeira ou um trabalho e ele começa a falar noutro assunto que parece achar mais interessante e acaba por não fazer as

	tarefas...
Entrevistador	Na sua opinião, os cadernos de progresso das crianças são adequados para as crianças com NEE ou deviam sofrer alguma alteração?
Dirigente 4	Acho que deviam sofrer alguma alteração porque muito dificilmente ele vai conseguir acabar aquelas etapas, mesmo que passe para os Escoteiros não vai levar as etapas todas concluídas ele também costuma faltar e nem fez acantonamento nem acampamento... muito dificilmente vai conseguir concluir as etapas... e nem vai conseguir dormir fora... duvido muito...é uma etapa difícil de ultrapassar... algumas das atividades do caderno consegue facilmente...
Entrevistador	Na sua opinião, quais os benefícios do escotismo para as crianças/jovens com DID?
Dirigente 4	Eu acho que no caso dele lhe faz muito bem, muito bem, porque ele, a nível de campo, pouco ia ou nada e ultrapassar algumas barreiras que para as outras crianças são fáceis, para ele torna-se uma dificuldade... que ele já vai superando... principalmente o andar nas cordas, para ele era uma coisa completamente impensável de fazer mas com a minha ajuda lá foi, fazendo uma força enorme, mobilidade zero, quase que não se mexia, mas pronto, conseguiu chegar ao fim, com muito medo e a dizer que não consegui mas eu consegui dar-lhe a volta... foi muito difícil para ele mas conseguiu, para ele já lhe serviu para alguma coisa... já repetiu, não queria novamente mas conseguiu. A nível de campo o conhecimento era zero, não estava à vontade para andar no campo, qualquer coisa para ele... um ramo no meio do caminho já era uma dificuldade que ele tinha em passar e agora já vai melhor... ainda não está muito à vontade... as faltas que ele dá também não ajudam...
Entrevistador	Quais as dificuldades mais sentidas pelas crianças/jovens com DID no decorrer das atividades?
Dirigente 4	Ele é uma criança... é diferente... quando não gosta...se estivermos a fazer uma atividade que ele não goste diz logo que se está a sentir mal...



	<p>“preciso de estar sentado, estou-me a sentir mal, estou mal disposto”... mete logo um obstáculo para não fazer a atividade... puxa o vômito... se for um jogo parado ele faz normalmente, jogos em que tenha que correr ou que tenha que ir mais para longe, afastado de nós... já não dá...</p>
Entrevistador	Que competências de autonomia pessoal e social o escotismo promove?
Dirigente 4	É do que ele precisa mesmo é de autonomia... acho que o escotismo o vai ajudar bastante porque é mesmo do que ele precisa...
Entrevistador	O escotismo pode favorecer a autoestima?
Dirigente 4	Acho que sim... acho que sim... houve alturas em que eu notei mais e agora ele tem comparecido menos... eu já via ali nele uma autoestima maior por as coisas que ele já ia conseguindo... agora faltou uns dias com a desculpa que não pode ir por causa do treino de futebol...
Entrevistador	Como descreve a relação existente entre as crianças/jovens com DID que frequentam o Grupo com as restantes crianças?
Dirigente 4	Há sempre ali um ponto que não conjuga totalmente... há crianças que se dão bem com ele ... mas quando chega a hora de escolher as equipas fica sempre mais para o fim... porque ele não consegue correr, porque não consegue fazer o jogo tão rápido e eles vão perder por causa dele...
Entrevistador	Considera que as atividades escotistas promovem a inclusão de crianças/jovens com DID?
Dirigente 4	Acho que sim. A maior parte deles já o conhece e acho que o ajudam e ele está bem inserido... certas atividades... pronto... mas normalmente está bem inserido no grupo.
Entrevistador	Como descreve a relação entre as crianças/jovens com DID e os dirigentes?
Dirigente 4	Os chefes não fazem qualquer diferença entre as crianças. Ele está bastante à vontade comigo e pede-me logo ajuda. A relação é boa e acho

	que estas crianças acabam por estar mais próximas dos chefes porque precisam mais de ajuda e sentem que têm ali alguém que os pode ajudar e então têm uma relação boa e são mais próximos...
Entrevistador	Muito obrigado pela colaboração.

## **APÊNDICE nº 3**

### ***Entrevistas às mães***

## Entrevista à Mãe 1

Entrevistador	<p>Antes de dar início a esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação do mestrado em Educação Especial cujo tema é “O impacto do escotismo no comportamento adaptativo de crianças com dificuldade intelectual e desenvolvimental”, informo que a sua participação é muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>Garanto ainda a confidencialidade e o anonimato.</p>
Entrevistador	Começo por perguntar a sua idade.
Mãe 1	35 anos
Entrevistador	E qual é a sua formação?
Mãe 1	Tenho o 9º ano.
Entrevistador	Acha que as atividades escotistas são benéficas para as crianças/ jovens com DID?
Mãe 1	Acho que é muito bom o contacto com a Natureza, fazem algum desporto, conhecem os caminhos, aprendem a orientar-se. Também é muito bom o convívio com as outras crianças, a partilha, o relacionamento com os outros...
Entrevistador	Que competências de autonomia pessoal e social o escotismo promove?
Mãe 1	Tornam-se mais independentes e capazes de atingir objetivos. No caso do meu filho tenho notado diferença no vestir-se sozinho. Ele antes pedia ajuda para se vestir e agora diz que tem que ser ele a vestir o uniforme sozinho para ganhar a assinatura da chefe no caderno de progresso pessoal.
Entrevistador	Quais pensa serem as atividades que o seu filho mais gosta de fazer?
Mãe 1	Acho que ele gosta de fazer tudo menos atividades que tenham balões.
Entrevistador	Quais pensa serem as dificuldades mais sentidas pelo seu filho no

Mãe	decorrer das atividades?  No caso dele penso que é mais nas atividades que envolvam balões por causa do medo que ele tem dos balões. Mas vai superando o medo e disse-me que na última vez já andou no meio dos balões
Entrevistador	O escotismo pode favorecer a autoestima?
Mãe 1	Sim. Acho que pode favorecer a autoestima.
Entrevistador	Como descreve a relação existente entre o seu filho e as restantes crianças do Grupo?
Mãe 1	Boa. Gosta dos amigos.
Entrevistador	Como descreve a relação entre o seu filho e os dirigentes?
Mãe 1	Penso que é boa. Até ao momento penso que tem corrido tudo bem.
Entrevistador	Muito obrigado pela colaboração.

## Entrevista à Mãe 2

Entrevistador	<p>Antes de dar início a esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação do mestrado em Educação Especial cujo tema é “O impacto do escotismo no comportamento adaptativo de crianças com dificuldade intelectual e desenvolvimental”, informo que a sua participação é muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>Garanto ainda a confidencialidade e o anonimato.</p>
Entrevistador	Começo por perguntar a sua idade.
Mãe 2	41 anos
Entrevistador	E qual é a sua formação?
Mãe 2	9º ano.
Entrevistador	Acha que as atividades escotistas são benéficas para as crianças/ jovens com DID?
Mãe 2	Estou a gostar muito que ele ande nos Escoteiros porque o vejo muito interessado. São atividades que ele gosta e vejo-o muito interessado e acho que é bom para desenvolver capacidades. Também já falei com os terapeutas do Ensino Especial, a psicóloga, a terapeuta da fala e a pedopsiquiatra e todos dizem que é uma atividade muito boa para ele, para se desenvolver.
Entrevistador	Que competências de autonomia pessoal e social o escotismo promove?
Mãe 2	Acho que é uma boa ajuda para ele, uma boa ajuda.
Entrevistador	Quais pensa serem as atividades que o seu filho mais gosta de fazer?
Mãe 2	Acho que ele gosta de tudo. Ele está a adorar. Gostou muito de ir fazer voluntariado no Cantinho dos Animais e gostava de ir outra vez. Também gostou de fazer o banco alimentar. Ele gosta de fazer voluntariado. Adora tratar da horta, ir vender os legumes que colhe na horta às pessoas, por as ruas. Ele adora mesmo os Escoteiros. Fala muito



	sobre todas as atividades. Cada vez que chega a casa depois das atividades conta tudo com um entusiasmo e uma alegria que se custa a calar.
Entrevistador	Quais pensa serem as dificuldades mais sentidas pelo seu filho no decorrer das atividades?
Mãe 2	Dificuldades em fazer trabalhos não vejo nenhuma, porque ele é capaz de fazer tudo. O pior é a leitura e a escrita.
Entrevistador	O escotismo pode favorecer a autoestima?
Mãe 2	Sim. Acho que sim. Muito.
Entrevistador	Como descreve a relação existente entre o seu filho e as restantes crianças do Grupo?
Mãe 2	É boa. Ele fala muito dos colegas do Grupo: “Hoje fiz isto com aquele menino e fiz aquilo com o outro...” Fala muito nos amigos, gosta muito da camaradagem. Acho que têm uma relação muito boa.
Entrevistador	Como descreve a relação entre o seu filho e os dirigentes?
Mãe 2	Também gosta muito dos chefes, tanto da X como da Y.
Entrevistador	Muito obrigado pela colaboração.

### **Entrevista à Mãe 3**

Entrevistador	<p>Antes de dar início a esta entrevista que se insere no âmbito do meu trabalho de investigação do mestrado em Educação Especial, cujo tema é “O impacto do escotismo no comportamento adaptativo de crianças com dificuldade intelectual e desenvolvimental” informo que a sua participação é muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho.</p> <p>Garanto ainda a confidencialidade e o anonimato.</p>
Entrevistador	Começo por perguntar a sua idade.
Mãe 3	38 anos
Entrevistador	E qual é a sua formação?
Mãe 3	12º ano.
Entrevistador	Acha que as atividades escotistas são benéficas para as crianças/ jovens com DID?
Mãe 3	As atividades escotistas são muito benéficas porque permitem desenvolver capacidades psicológicas, sociais e motoras e promove ainda uma maior autoestima.
Entrevistador	Que competências de autonomia pessoal e social o escotismo promove?
Mãe 3	As crianças tornam-se mais independentes, conseguem fazer as coisas por eles e claro que é muito importante a nível da socialização, conhecem escoteiros que pertencem a Grupo de outras zonas do país, convivem.
Entrevistador	Quais pensa serem as atividades que o seu filho mais gosta de fazer?
Mãe 3	Todas.
Entrevistador	Quais pensa serem as dificuldades mais sentidas pelo seu filho no decorrer das atividades?
Mãe 3	A nível da comunicação.



Entrevistador	O escotismo pode favorecer a autoestima?
Mãe 3	É claro que o escotismo promove a autoestima.
Entrevistador	Como descreve a relação existente entre o seu filho e as restantes crianças do Grupo?
Mãe 3	Uma relação boa, uma relação de companheirismo.
Entrevistador	Como descreve a relação entre o seu filho e os dirigentes?
Mãe 3	Uma relação de respeito e amizade.
Entrevistador	Muito obrigado pela colaboração.

## **APÊNDICE nº 4**

### ***Entrevistas às crianças***

## Entrevista à Criança 1

Entrevistador	Estou a fazer um trabalho para a minha escola e gostava de te fazer uma pequena entrevista. As tuas respostas são muito importantes para o meu trabalho. Posso contar com a tua ajuda?
Criança 1	Sim Chefe. Pode contar sempre comigo.
Entrevistador	Começo por perguntar a tua idade.
Criança 1	Tenho 12 anos.
Entrevistador	Em que divisão dos Escoteiros estás?
Criança 1	Nos Escoteiros.
Entrevistador	Qual é a tua patrulha?
Criança 1	Patrulha Águia.
Entrevistador	Qual é a tua função na tua patrulha?
Criança 1	Sou sub-guia.
Entrevistador	Gostas de andar nos Escoteiros?
Criança 1	Gosto muito.
Entrevistador	Quais são as atividades que mais gostas de fazer?
Criança 1	Gosto de fazer tudo Chefe. Mas gosto mais de fazer voluntariado e trabalhar na horta.
Entrevistador	Quais são as atividades que menos gostas de fazer?
Criança 1	Gosto de fazer todas.
Entrevistador	Gostas dos outros meninos do Grupo? Dás-te bem com eles?
Criança 1	Gosto de todos. Somos todos amigos, dou-me bem com todos.
Entrevistador	Gostas dos teus chefes? Dás-te bem com eles?
Criança 1	Sim. As Chefes também são nossas amigas e são fixes.

## Entrevista à Criança 2

Entrevistador	Estou a fazer um trabalho para a minha escola e gostava de te fazer uma pequena entrevista. As tuas respostas são muito importantes para o meu trabalho. Posso contar com a tua ajuda?
Criança 2	Sim.
Entrevistador	Tens quantos anos?
Criança 2	15 anos.
Entrevistador	Em que divisão dos Escoteiros estás?
Criança 2	Escoteiros.
Entrevistador	Qual é a tua patrulha?
Criança 2	Patrulha Lince.
Entrevistador	Qual é a tua função na tua patrulha?
Criança 2	Fotógrafa.
Entrevistador	Gostas de andar nos Escoteiros?
Criança 2	Sim.
Entrevistador	Quais são as atividades que mais gostas de fazer?
Criança 2	Tudo.
Entrevistador	Quais são as atividades que menos gostas de fazer?
Criança 2	Gosto de fazer tudo.
Entrevistador	Gostas dos outros meninos do Grupo? Dás-te bem com eles?
Criança 2	Gosto dos meninos todos.
Entrevistador	Gostas dos teus chefes? Dás-te bem com eles?
Criança 2	Gosto das chefes.

### **Entrevista à Criança 3**

Entrevistador	Estou a fazer um trabalho para a minha escola e gostava de te fazer uma pequena entrevista. As tuas respostas são muito importantes para o meu trabalho. Posso contar com a tua ajuda?
Criança 3	Sim.
Entrevistador	Começo por perguntar a tua idade.
Criança 3	Tenho 10 anos.
Entrevistador	Em que divisão dos Escoteiros estás?
Criança 3	Nos Lobitos.
Entrevistador	Qual é o teu bando?
Criança 3	Bando Folhas Secas.
Entrevistador	Qual é a tua função no teu bando?
Criança 3	Sou o sub-guia.
Entrevistador	Gostas de andar nos Escoteiros?
Criança 3	Gosto.
Entrevistador	Quais são as atividades que mais gostas de fazer?
Criança 3	Tudo menos com balões.
Entrevistador	Quais são as atividades que menos gostas de fazer?
Criança 3	Não gosto de balões.
Entrevistador	Gostas dos outros meninos do Grupo? Dás-te bem com eles?
Criança 3	Gosto dos outros meninos. São meus amigos.
Entrevistador	Gostas dos teus Chefes? Dás-te bem com eles?
Criança 3	Sou amigo dos Chefes.

**APÊNDICE nº 5**  
***Análise de Conteúdo – Entrevistas às Dirigentes***

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
-Frequência das reuniões	- Semanalmente, ao sábado	<p>“Semanalmente, ao sábado. Eventualmente quando há maior disponibilidade reunimos durante a semana.” (D1)</p> <p>“Todas as semanas, ao sábado.” (D2)</p> <p>“O Grupo reúne todos os fins-de-semana, normalmente todos os sábados.” (D3)</p> <p>“Todas as semanas, normalmente ao sábado.” (D4)</p>
-Duração das reuniões	-Três horas	<p>“Normalmente por três horas, sempre mais um bocadinho, mas é consoante a atividade.” (D1)</p> <p>“Mais ou menos três horas.” (D2)</p> <p>“Sensivelmente três horas.” (D3)</p> <p>“Por três horas mais ou menos.” (D4)</p>
-Atividades desenvolvidas	<p>-Jogos</p> <p>- Educativas</p> <p>- Socialmente úteis</p> <p>-Ambientais</p>	<p>“Atividades muito variadas: atividades lúdicas” (D1)</p> <p>“Jogos” (D3)</p> <p>“Atividades que vamos combinando durante a semana como alguns jogos” (D4)</p> <p>“ (...) atividades educativas” (D1)</p> <p>“ (...) atividades socialmente úteis, “(D1)</p> <p>“ (...) a nível do ambiente” (D1)</p>

	-Físico-desportivas	<p>“(…) desporto” (D1)</p> <p>“(…) exercício físico” (D3)</p>
	-Culturais	“(…) iniciativas a nível cultural, das freguesias...” (D1)
	-Na horta	<p>“Temos uma horta” (D2)</p> <p>“(…) se vamos para a horta tento organizar atividades que tenham a ver com a horta” (D4)</p>
	-Na mata	“(…) vamos para a mata” (D2)
	-Acampamentos	<p>“(…) fazemos acampamentos...” (D2)</p> <p>“De três em três meses fazemos a grande atividade, um acampamento de um fim-de-semana.</p> <p>“(D3)</p>
	-Passeio pedestre	“Caminhadas” (D3)
	-Técnica escotista	“(…) atividades relacionadas com técnicas de acampamento, técnicas de campo” (D3)
	-Ambientais	“(…) atividades para conservação do ambiente e da natureza, ...” (D3)
	-Manuais	“(…) atividades manuais” (D4)
	-Articulação com outras associações	“(…) às vezes participamos nas atividades de outras associações da Salvada ou da Cabeça Gorda, depende...” (D4)
	-Sede na Salvada	<p>“Temos um espaço na freguesia da Salvada, uma habitação que definimos como sede” (D1)</p> <p>“Temos na Salvada...” (D2)</p> <p>“(…) temos uma sede na Salvada” (D3)</p>
	-Espaço para atividades	



-Materiais utilizados	-Horta	<p>“ (...) se formos para a nossa sede temos as salas das divisões para fazer alguns trabalhos que sejam necessários” (D4)</p> <p>“ (...) temos uma hortinha” (D2)</p> <p>“ (...) temos a horta” (D4)</p>
	-No Perímetro Florestal	<p>“ (...) e temos um espaço no Perímetro Florestal na Freguesia de Cabeça Gorda.” (D1)</p> <p>“ (...) e no Perímetro Florestal” (D2)</p> <p>“ (...) e outra no Perímetro Florestal.” (D3)</p> <p>“Se formos para a mata temos o monte da mata e todo o espaço da mata,” (D4)</p>
	-Recinto exterior do infantário da Salvada	<p>“ (...) todo o recinto exterior do infantário da Salvada.” (D4)</p>
	-Materiais recicláveis	<p>“Materiais recicláveis” (D1)</p> <p>“Também utilizamos materiais recicláveis” (D2)</p> <p>“ (...) material reciclável” (D4)</p>
	-Materiais da Natureza	<p>“ (...) materiais que recolhemos na própria Natureza” (D1)</p> <p>“ (...) e materiais da Natureza.” (D2)</p>
	-Utensílios da horta	<p>“ (...) na horta trabalhamos com os utensílios da horta” (D2)</p> <p>“Se formos tratar da horta levamos o material da horta, as luvas, os sachos, sementes...” (D4)</p>

-Envolvimento das crianças com DID nas atividades	-Cordas  -varas -tendas -Material de desenho e de pintura -outros materiais	“ (...) algum que adquirimos como cordas,” (D1) “Na mata, por exemplo, utilizamos muito as cordas para fazer pontes Himalaias, nós e outras coisas.” (D2) “Utilizamos as cordas” (D3) “ (...) se formos para a mata e fizermos jogos utilizamos cordas” (D4) “ (...) utilizamos as varas” (D3) “ (...) tendas” (D1) “ (...) se for trabalhos manuais utilizamos folhas, canetas, tintas, depende do trabalho...” (D4) “ (...) e outros materiais necessários... consoante as atividades...” (D3) “ (...) ou levamos outros materiais que sejam necessários, depende dos jogos” (D4)
	-Normal -Bom	“O envolvimento normal dos outros miúdos,” (D2) “Um envolvimento bastante bom.” (D1) “ (...) vejo grande envolvimento,” (D1) “ (...) tem sido bastante bom.” (D1) “ (...) gostam de se envolver” (D2) “Em relação ao menino dos Lobitos não sei muito bem como é o envolvimento dele nas atividades, mas em relação aos da Divisão dos Escoteiros gostam,” (D3)

	<p>-Muito Interesse/ empenho</p> <p>- Pouco interesse/ empenho</p> <p>-Boa participação</p> <p>-Participação intermitente</p>	<p>“(...) envolvem-se bastante nas atividades” (D3)</p> <p>“Vejo grande interesse por parte das crianças que são de níveis etários diferentes,” (D1)</p> <p>“(...) grande empenho e os resultados são muito visíveis e muito excepcionais.” (D1)</p> <p>“Os resultados das atividades são bons, empenham-se muito e tem sido bastante bom.” (D1)</p> <p>“Logo, logo, parece que está entusiasmado com a atividade mas é por pouco tempo, rapidamente perde o interesse,” “(…) com qualquer coisa se distrai e vai fazer outra coisa... não sei explicar” (D4)</p> <p>“(…) se estivermos a fazer uma atividade que ele não goste diz logo que se está a sentir mal... “preciso de estar sentado, estou-me a sentir mal, estou mal disposto”... mete logo um obstáculo para não fazer a atividade... puxa o vômito...” (D4)</p> <p>“(…) participam em tudo.” (D2)</p> <p>“Gostam de participar,” (D2)</p> <p>“e gostam de fazer e acho que se sentem realizados por isso... é o que eu acho...” (D2)</p> <p>“participam e fazem sempre a atividade com sucesso.” (D3)</p> <p>“São casos... sei lá... no caso do X em específico... começa a atividade mas quando olhamos já não está na atividade.” (D4)</p> <p>“Os outros casos não sei bem mas o X... quando estou a explicar a atividade parece que está percebendo mas momentos depois já está completamente desligado e a fazer outra coisa diferente.” (D4)</p>
--	---	---

<p>-Experiência com crianças com NEE</p>	<p>-Tem experiência</p>	<p>“Tenho experiência porque tenho uma filha com NEE, a experiência tem sido com ela” (D1)</p> <p>“ (...) e tenho vindo a conhecer outras crianças a nível das instituições e das escolas ao longo destes anos... ela está com 14 anos... Centro de Paralisia, Escola Básica da Salvada, Escola Mário Beirão” (D1)</p> <p>“ (...) e agora também com os Escoteiros.” (D1)</p> <p>“Sim, já tinha. Tive um aluno com NEE, muito difícil de lidar, nem sempre conseguia fazer as atividades, tinha um síndrome muito complicado de definir e ainda não tinham a certeza se estava bem definido, mas era muito agressivo e era muito difícil trabalhar com ele.” (D3)</p> <p>“Não, nunca tive essa experiência.” (D2)</p>
<p>-Necessidade de formação</p>	<p>-Não tem experiência</p> <p>-Sente necessidade</p>	<p>“Não... não...” (D4)</p> <p>“Penso que sim,” (D1)</p> <p>“ (...) apesar do conhecimento que temos por experiência própria há sempre necessidade de formação porque cada criança é um caso e as necessidades dessas crianças variam consoante o problema que têm” (D1)</p> <p>“ (...) é importante que haja uma base de formação” (D1)</p> <p>“Sim.” (D3)</p> <p>“Pessoalmente, sinto essa necessidade,” (D3)</p> <p>“ (...) precisava mesmo de formação.” (D3)</p>

	<p>-Sobre problemáticas de Ensino Especial</p> <p>-Sobre como agir</p>	<p>“Sim... sim... sim...” (D4)</p> <p>“ (...) a nível de algumas doenças ou algumas situações de educação especial para que depois possamos ajudar o melhor possível essas crianças.” (D1)</p> <p>“Mais a forma como agir com eles, talvez, como é que eu hei-de agir com determinada situação.” (D3)</p> <p>“Eu, principalmente quando estamos a fazer uma atividade, uma brincadeira ou um trabalho e ele começa a falar noutro assunto que parece achar mais interessante e acaba por não fazer as tarefas...” (D4)</p>
	<p>-Não sente necessidade</p>	<p>“Não. Porque para além de não ter nenhum caso na minha divisão e, talvez por isso, não sentir essa necessidade, acho que eles... Como é que hei-de dizer? Integram-se bem com os outros miúdos e se não estivermos com muita atenção nem nos apercebemos bem que eles têm dificuldades.” (D2)</p>
-Cadernos de Progresso Pessoal	<p>-Adequados</p> <p>-Devem sofrer adaptações</p>	<p>“Acho que são adequados, acho que eles conseguem fazer tudo o que lá está.” (D2)</p> <p>“ (...) algumas das atividades do caderno consegue facilmente...” (D4)</p> <p>“Apesar dos cadernos estarem muito bem conseguidos, para alguns casos devia haver outra forma de apresentação.” (D1)</p> <p>“No caso específico das crianças que temos, algumas delas têm dificuldade total ou parcial na leitura e na escrita. Devia haver... não digo um caderno específico mas mais direccionado</p>

		<p>para este tipo de crianças.” (D1)</p> <p>“Não temos mas poderemos vir a ter uma criança com dificuldades a nível de visão e também nessa área... não sei se existe mas devia haver um caderno mais específico para esse tipo de situação...” (D1)</p> <p>“ Sim, deviam sofrer alguma alteração, principalmente na parte das pesquisas.” (D3)</p> <p>“Há crianças que não sabem ler, nunca me vão conseguir apresentar um trabalho de pesquisa como lá está a pedir no Caderno de Progresso.” (D3)</p> <p>“Acho que deviam sofrer alguma alteração porque muito dificilmente ele vai conseguir acabar aquelas etapas,” (D4)</p> <p>“(...) mesmo que passe para os Escoteiros não vai levar as etapas todas concluídas, ele também costuma faltar e nem fez acantonamento nem acampamento...” (D4)</p> <p>“(...) muito dificilmente vai conseguir concluir as etapas... e nem vai conseguir dormir fora... duvido muito...é uma etapa difícil de ultrapassar...” (D4)</p>
-Efeitos do escotismo	<p>-Promoção do espírito de entreaajuda</p> <p>-Promoção da integração/ inclusão</p>	<p>” (...)sendo o escotismo baseado na entreaajuda e tudo mais...” (D1)</p> <p>“(...) os mais velhos ajudam os mais novos, aqueles que têm mais dificuldades” (D1)</p> <p>“(...) ajudam-se uns aos outros” (D1)</p> <p>“Sim.” (D1)</p> <p>“ Porque o próprio espírito escotista promove as boas relações onde tudo o mais falha.” (D1)</p>

		<p>“ Inclusão é uma palavra muito bonita mas sem praticar e sem atos práticos não nos serve de muito e o escotismo parece ser um bom caminho para incluir estes jovens na vida, na sociedade e na escola,” (D1)</p> <p>“ (...) porque as amizades que criam aqui fortalecem e depois isso nota-se até na própria escola” (D1)</p> <p>“ (...)porque dantes até se conheciam mas não ligavam muito uns aos outros, mas agora como têm uma convivência durante as atividades que realizamos, na escola sentem que têm que se proteger” (D1)</p> <p>“ (...) e isso promove, a todos os níveis, uma boa integração das crianças com NEE,” (D1)</p> <p>“Sim. Sem dúvida que sim.” (D2)</p> <p>“Sim, promovem a inclusão das crianças com DID.” (D3)</p> <p>“Acho que sim.” (D4)</p> <p>“ A maior parte deles já o conhece e acho que o ajudam e ele está bem inserido...” (D4)</p> <p>“ (...) certas atividades pronto... mas normalmente está bem inserido no grupo.” (D4)</p> <p>“Na minha opinião os benefícios são totais porque qualquer criança com NEE quer, acima de tudo, sentir-se integrada e incluída.” (D1)</p> <p>“ (...) acaba por se desvanecer essa diferença que noutros sítios...e apesar da escola ser inclusiva...principalmente na escola se nota mais que o fosso é maior entre as crianças com NEE e as crianças ditas normais. Hoje em dia quase todas as crianças têm necessidades duma forma ou doutra.” (D1)</p>
--	--	--

	<p>-Desenvolvimento de capacidades</p> <p>-Ultrapassar barreiras</p>	<p>“ O benefício é integrá-los na sociedade,” (D3)</p> <p>“ (...) integrá-los com o Grupo,” (D3)</p> <p>“ (...) desenvolvem mais capacidades.” (D2)</p> <p>“Eu acho que no caso dele lhe faz muito bem, muito bem, porque ele, a nível de campo, pouco ia ou nada e ultrapassar algumas barreiras que para as outras crianças são fáceis, para ele torna-se uma dificuldade... que ele já vai superando...” (D4)</p> <p>“ (...) principalmente o andar nas cordas, para ele era uma coisa completamente impensável de fazer mas com a minha ajuda lá foi,” (D4)</p> <p>“ (...) fazendo uma força enorme, mobilidade zero, quase que não se mexia, mas pronto, conseguiu chegar ao fim, com muito medo e a dizer que não consegui mas eu consegui dar-lhe a volta...” (D4)</p> <p>“ (...) foi muito difícil para ele mas conseguiu, para ele já lhe serviu para alguma coisa... já repetiu, não queria novamente mas conseguiu.” (D4)</p> <p>“A nível de campo o conhecimento era zero, não estava à vontade para andar no campo, qualquer coisa para ele... um ramo no meio do caminho já era uma dificuldade que ele tinha em passar e agora já vai melhor... ainda não está muito à vontade... as faltas que ele dá também não ajudam...” (D4)</p> <p>-Promoção da autonomia</p> <p>“É do que ele precisa mesmo é de autonomia... acho que o escotismo o vai ajudar bastante porque é mesmo do que ele precisa... (D4)</p>
--	--	--



	<p>-melhora a motricidade</p> <p>-melhor desempenho nos trabalhos manuais</p> <p>-melhor desempenho nas tarefas realizadas</p> <p>-saber trabalhar em grupo</p> <p>-Socialização</p>	<p>“A nível pessoal, tornam-se mais independentes,” (D1)</p> <p>“Eles tornam-se mais autónomos,” (D3)</p> <p>“ (...) a nível da motricidade,” (D1)</p> <p>“ (...) conseguem melhorar o desempenho a nível de trabalhos manuais,” (D1)</p> <p>“ (...) das próprias tarefas,” (D1)</p> <p>“(…) da organização das tarefas,” (D1)</p> <p>“ (...) trabalhos em grupo” (D1)</p> <p>“ (...) eles interagirem com as outras pessoas,” (D3)</p> <p>“ (...) conseguirem interagir com as outras pessoas” (D3)</p> <p>“ (...) e conseguirem fazer uma vida normal como as outras pessoas fazem.” (D2)</p> <p>“ (...) Acho faz bem eles conviverem com os outros miúdos” (D1)</p> <p>“ (...) por exemplo, se vão contar uma história e há crianças que têm dificuldade em interagir e contar histórias para o grupo, motivados pelos outros... dá uma maior abertura a nível social.” (D1)</p> <p>“ Acho que é uma boa maneira de preparar os miúdos para o mundo, para a vida e para a convivência com os outros.” (D2)</p> <p>“ Há miúdos que noto que estão a ficar mais abertos para o convívio” (D2)</p> <p>“ (...) e mais à vontade,” (D2)</p>
--	--	---

	-Promoção da autoestima	<p>“ (...) não há tanto aquela timidez...” (D2)</p> <p>“ (...) ficam mais preparados para quando um dia mais tarde integrarem a sociedade em termos de trabalho.” (D3)</p> <p>“ Em termos sociais é mais fácil lidarem com as outras pessoas nas mais diversas situações.” (D3)</p> <p>“Claro que sim, “(D1)</p> <p>“ (...) obviamente.” (D1)</p> <p>“Estas crianças precisam de ser muito estimuladas e qualquer atividade que se faça com eles e que eles se sintam motivados promove obviamente a autoestima e isso vai trazer-lhes vontade de ultrapassar novas etapas.” (D1)</p> <p>“São crianças com muita força e precisam realmente de juntar à volta deles um grupo de pessoas que lhes dê apoio de forma positiva.” (D1)</p> <p>“Sim, muito. Até aos adultos.” (D2)</p> <p>“Sim, favorece bastante a autoestima. Quando eles conseguem superar aquela etapa é... a glória...”</p> <p>“Acho que sim...” (D4)</p> <p>“ (...) acho que sim” (D4)</p>
--	-------------------------	---

<p>-Dificuldades sentidas pelas crianças com DID</p>	<p>-Tarefas mais específicas</p> <p>-Trabalhos manuais</p> <p>-Leitura</p> <p>-Jogos com muito movimento ou afastamento</p> <p>-Poucas dificuldades</p>	<p>“Nos casos que temos, por vezes têm alguma dificuldade em tarefas mais específicas.” (D1)</p> <p>“Nos trabalhos em grupo não se notam dificuldades, só em tarefas mais específicas” (D1)</p> <p>“ (...) como por exemplo trabalho manual” (D1)</p> <p>“(…) ou trabalho que envolva o manuseamento de uma faca, duma agulha, duma frigideira.” (D1)</p> <p>“ Já me deparei com essas dificuldades e é mesmo a nível de leitura, porque a nível das outras atividades eles interagem e conseguem fazer atividades. (D3)</p> <p>“ Agora quando eu levo alguma coisa para eles lerem é impossível,” (D3)</p> <p>“ (...) eles não conseguem ler” (D3)</p> <p>“ Os outros lêem e nesses momentos em que os outros estão a ler eles não conseguem prestar atenção, não absorvem a informação que os outros estão a passar.” (D3)</p> <p>“É muito complicado nessas alturas.” (D3)</p> <p>“ (...) se for um jogo parado ele faz normalmente, jogos em que tenha que correr ou que tenha que ir mais para longe, afastado de nós... já não dá...” (D4)</p> <p>“Podem ter um bocadinho mais de dificuldades mas com o tempo conseguimos... e não só eles ficam... surpreendem-nos a nós porque às vezes há coisa que pensávamos que eles não conseguiam e surpreendem-nos pela positiva nas atividades que vamos fazendo. “Fora isso, não vejo grandes dificuldades, tem corrido muito bem.” (D1)</p> <p>“Não dei por nenhuma, pelo menos nas atividades que fazemos em grupo.” (D4)</p>
--	---	---





		tudo e pessoas em quem confiar.” (D1)
	-Compreensão	<p>“ Acho que eles vêem os chefes como bons amigos.” (D2)</p> <p>“ (...) e de tudo o mais... da compreensão porque vários temas são abordados” (D1)</p> <p>“Eles quando têm dificuldades falam com o Chefe, dizem as dificuldades que têm.” (D2)</p>
	-Apoio	<p>“Ele está bastante à vontade comigo e pede-me logo ajuda.” (D4)</p> <p>“ (...) estas crianças acabam por estar mais próximas dos chefes porque precisam mais de ajuda” (D4)</p>
	-Equidade	<p>“ (...) sentem que têm ali alguém que os pode ajudar” (D4)</p> <p>“Os chefes não fazem qualquer diferença entre as crianças.” (D4)</p>

**APÊNDICE nº 6**  
***Análise de Conteúdo – Entrevistas às mães***





	<p>tingir objectivos</p> <ul style="list-style-type: none"><li>-Motivação</li><li>-Desenvolver capacidades</li><li>-Promoção da autoestima</li><li>-Superação de medos</li><li>-Todas</li></ul>
--	---

“Acho que é uma boa ajuda para ele...” (M2)

“...uma boa ajuda.” (M2)

“As crianças tornam-se mais independentes...” (M3)

“...conseguem fazer as coisas por eles...” (M3)

“...e capazes de atingir objetivos.” (M1)

“Estou a gostar muito que ele ande nos Escoteiros porque o vejo muito interessado e motivado.”

“...e vejo-o muito interessado...” (M2)

“e acho que é bom para desenvolver capacidades.” (M2)

“Também já falei com os terapeutas do Ensino Especial, a psicóloga, a terapeuta da fala e a pedopsiquiatra e todos dizem que é uma atividade muito boa para ele, para se desenvolver.” (M2)

“Sim.” (M1)

“Acho que pode favorecer a autoestima.” (M1)

“...e promove ainda uma maior autoestima.” (M3)

“É claro que o escotismo promove a autoestima.” (M3)

“Mas vai superando o medo e disse-me que na última vez já andou no meio dos balões.” (M1)

“Todas.” (M3)

“Acho que ele gosta de fazer tudo...” (M1)

São atividades que ele gosta (M2)

“Acho que ele gosta de tudo, ele está a adorar.” (M2)

-Atividades preferidas pelas crianças com DID	-Voluntariado
-Atividades que menos gostam	-Trabalhos na horta -Venda de produtos
-Dificuldades mais sentidas pelas crianças com DID	-Com balões  -Fazer atividades com balões  -Leitura e escrita  -Comunicação

“Ele adora mesmo os Escoteiros. Fala muito sobre todas as atividades.”

(M2)

“Cada vez que chega a casa depois das atividades conta tudo com um entusiasmo e uma alegria que se custa a calar.” (M2)

“Gostou muito de ir fazer voluntariado no Cantinho dos Animais e gostava de ir outra vez.” (M2)

“Também gostou de fazer o banco alimentar.” (M2)

“Ele gosta de fazer voluntariado.” (M2)

“Adora tratar da horta...” (M2)

“... ir vender os legumes que colhe na horta às pessoas, por as ruas.” (M2)

“...menos atividades que tenham balões” (M1)

“No caso dele penso que é mais nas atividades que envolvam balões por causa do medo que ele tem dos balões.” (M1)

“Dificuldades em fazer trabalhos não vejo nenhuma, porque ele é capaz de fazer tudo. O pior é a leitura e a escrita.” (M2)

“ A nível da comunicação” (M3)

<p>-Relação entre crianças com DID e restantes crianças</p>	<p>-Boa relação</p> <p>-Companheirismo</p>
<p>-Relação entre crianças com DID e Dirigentes</p>	<p>-Boa relação</p> <p>-Respeito</p> <p>-Amizade</p>

“Boa.” (M1)

“Gosta dos amigos.” (M1)

“É boa. Ele fala muito dos colegas do Grupo: “Hoje fiz isto com aquele menino e fiz aquilo com o outro...” (M2)

“Acho que têm uma relação muito boa.” (M2)

“Uma relação boa” (M3)

“Uma relação de companheirismo.” (M3)

“Fala muito nos amigos, gosta muito da camaradagem.” (M2)

“Penso que é boa.” (M1)

“Até ao momento penso que tem corrido tudo bem.” (M1)

“Também gosta muito dos chefes, tanto da X como da Y.” (M2)

“Uma relação de respeito...” (M3)

“...e amizade.” (M3)

## **APÊNDICE nº 7**

### ***Análise de Conteúdo – Entrevistas às crianças***

Categoria	Sub-categoria	Unidades de registo
-Gosto pelos Escoteiros	-Gosta	“Gosto muito” (C1) “Sim.” (C2) “Gosto.” (C3)
-Atividades preferidas	-Todas	“Gosto de fazer tudo Chefe.” (C1) “Gosto de fazer todas.” (C1) “Tudo.” (C2) “Gosto de fazer tudo” (C2)
	-Voluntariado	“Mas gosto mais de fazer voluntariado...” (C1)
	-Trabalhar na Horta	“... e trabalhar na horta.” (C1)
-Atividades que não gosta	-Com balões	“Tudo menos com balões” (C3) “Não gosto de balões” (C3)
-Relação com as outras crianças	-Gosta dos colegas	“Gosto de todos.” (C1) “... dou-me bem com todos.” (C1) “Gosto dos meninos todos.” (C2) “Gosto dos outros meninos” (C3)
	-Amizade	“Somos todos amigos...” (C1)



<p>-Relação com os Chefes</p>	<p>-Gosta das Chefes</p> <p>-Amizade</p>
-------------------------------	--

“São meus amigos” (C3)

“Sim.” (C1)

“Gosto das Chefes.” (C2)

“As Chefes também são nossas amigas...” (C1)

“... e são fixes.” (C1)

“Sou amigo dos Chefes.” (C3)